

Paula Guerra \*

## Cenários portuenses de insegurança. Contributos do interacionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio.\*\*

R E S U M O

*No âmbito deste artigo, iremos discutir e demonstrar a importância do interacionismo simbólico enquanto corrente sociológica decisiva para a análise e interpretação do desvio, sobretudo por via das contribuições particulares de um dos seus representantes, Stanley Cohen. Assim, iremos dar particular relevo ao papel dos medias na (re)construção e amplificação dos desvios e dos lugares desviantes. Concomitantemente, iremos dar conta dos principais resultados de uma investigação empírica acerca das notícias de jornal relativamente aos bairros de habitação dita social da cidade do Porto, tendo como objectivo a ilustração e corroboração dos postulados teóricos do interacionismo, contribuindo desse modo, para uma (des)construção mediática do desvio, dos comportamentos desviantes, dos seus actores e territórios.*

### INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste texto centrou-se na constatação de que “o estudo da emergência de um problema social é um dos melhores reveladores desse trabalho de «construção da realidade», para retomar o título de uma célebre obra da sociologia, porque condensa todos os aspectos desse processo. E, tratando-se de um problema social, o objecto da pesquisa do sociólogo consiste, antes de tudo, em analisar o processo pelo qual se constrói e se institucionaliza o que, em determinado momento do tempo, é constituído como tal.”<sup>1</sup> Poderemos assim afirmar que nos movemos dentro de um campo disciplinar que tenta desmontar os «problemas sociais», evidenciando, sobretudo, os mecanismos de dominação social que os produzem e reproduzem na estrutura urbana actual.

Concretamente, iremos dar particular ênfase à importância da construção mediática dos problemas sociais, salientando que “ao dar uma visão necessariamente selectiva e ao privilegiar certas interpretações do acontecimento, a imprensa contribui para fabricar o sentido político-social desses movimentos com significações, ao mesmo tempo, superabundantes e ambíguas. No entanto, seria demasiado simples ver os jornalistas somente como “manipuladores” que fabricam, a seu gosto, os acontecimentos ao elaborarem resenhas enviesadas e partidárias. Eles próprios são o objecto de estratégias de manipulação pelos diversos grupos sociais que organizam manifestações e

---

\* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Sociologia. Professora Auxiliária. Email: pguerra@letras.up.pt.

\*\* Este artigo resulta de um trabalho de investigação mais vasto que sustentou o Relatório de uma Aula Prática de Estrutura Urbana e de Conflitualidade apresentado no âmbito das Provas de Aptidão e Capacidade Científica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Julho de 2002, sob a orientação do Prof. Doutor Teixeira Fernandes.

<sup>1</sup> CHAMPAGNE, 1998 : 73.

procuram, através delas, atrair com maior ou menor sucesso a atenção dos jornalistas para terem a possibilidade de aparecer nos *media*<sup>2</sup>. Esta opção de análise também permitirá discutir a aplicabilidade actual do interaccionismo simbólico, na medida em que tem vindo a ser retomado com alguma insistência no quadro da produção sociológica contemporânea.

Com o objectivo de clarificar as orientações teóricas e analíticas apresentadas, procedemos a uma recolha sistemática de imprensa entre Maio de 1999 e Maio de 2001<sup>3</sup> inclusive, tendo em vista uma ilustração mais cabal dos conteúdos e matérias apresentados. Essa recolha de imprensa teve como objectivo a selecção e a recolha de todas as notícias referentes a bairros de natureza social referenciados à cidade do Porto para uma subsequente análise categorial dos conteúdos das notícias referentes a esses mesmos locais. Esta opção segue de perto a perspectiva defendida por P. Champagne de que «as doenças sociais» não têm uma existência visível a não ser que os *media* falem delas, quer dizer, desde que sejam reconhecidas como tais pelos jornalistas», admitindo que «os *media* actuam sobre um momento e fabricam colectivamente uma representação social, que, mesmo estando distante da realidade, perdura apesar dos desmentidos ou das rectificações posteriores, pois que ela não faz mais do que reforçar as interpretações espontâneas e os pré-juízos e tende por isso a redobrá-los»<sup>4</sup>.

### 1. O interaccionismo simbólico como perspectiva renovada de abordagem dos comportamentos desviantes

*“A diferença entre ser um criminoso e um cidadão correcto está no facto de uma pessoa ser etiquetada como tal. A aplicação do rótulo a alguém tem consequências significativas na maneira como essa pessoa é tratada pelos outros e na maneira como se vê a ela própria”.*

Stephen Moore, *Investigating Deviance*, 1988

Perpassando as diversas teorias sociológicas que contemplam a problemática dos comportamentos desviantes, destaca-se o quadro teórico-conceptual do interaccionismo simbólico, «um quadro teórico inovador» no entender de M. Xiberras<sup>5</sup>, que surge como um questionamento à hegemonia funcionalista que dominou até aos anos 50 e 60. Aquela corrente enfatiza a relatividade do desvio cuja definição reenvia para a diversidade de contextos sociais e de ordens normativas específicas. Nesta filiação teórica perspectiva-se o carácter construtivo do desvio subjacente aos contextos de interacção que enquadram os actores sociais.

No plano da teoria e do posicionamento epistemológico, o cerne do debate interaccionista centra-se, no entender de G. Velho, no facto de que “não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre actores (indivíduos, grupos) que acusam outros agentes de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com o

<sup>2</sup> CHAMPAGNE, 1998 : 222.

<sup>3</sup> Os jornais consultados foram o Jornal de Notícias e o Jornal Público - Edição Porto.

<sup>4</sup> CHAMPAGNE, 1993: 61 e 62.

<sup>5</sup> XIBERRAS, 1996: 115.

<sup>6</sup> VELHO, 1974: 23.

seu comportamento, limites e valores de determinada situação sócio-cultural”<sup>6</sup>. Por sua vez, os referidos contextos de interacção funcionam, na acepção interaccionista, como «quadros de interacção», reportando-se aos suportes cognitivos de sedimentação das actividades quotidianas dos actores sociais. Não obstante este entendimento, devemos considerar que “estes quadros não se sustentam apenas num trabalho cognitivo. Com efeito, estes ancoram-se de diversas maneiras no mundo exterior, nomeadamente em «premissas organizacionais» que tendem a reactivar certas formas mentais de orientação na situação e os tipos de comportamento que se lhe associam”<sup>7</sup>.

Os investigadores desta corrente, retomando os enunciados da Escola de Chicago<sup>8</sup>, promoveram, assim, uma renovação teórica da sociologia, evidenciando duas apostas fundamentais de análise. Por um lado, consideram que existe todo um conjunto de práticas sociais, em paralelo ao crime e à delinquência explícitos, passível de sanção societal, e por outro, que existem formas de sanção estruturadas na criação de novas categorias de desvio. A este propósito podemos desde já afirmar que os teóricos da etiquetagem social designaram por desvio “qualquer forma de comportamento que transgrida as normas aceites e definidas por um grupo, ou por uma instituição, numa dada sociedade”<sup>9</sup>.

Operando uma inversão no olhar sociológico, assumidamente despida de quaisquer contornos etnocentristas, os teóricos desta corrente elegeram como campo de análise o estudo das relações sociais sustentadas em dois sistemas de acção, nomeadamente, “o olhar da sociedade, que define a categoria de desvio” e “o olhar dos estigmatizados, que integra a etiqueta aposta pela sociedade, mas que desenvolve, não obstante, o seu próprio ponto de vista”<sup>10</sup>. Esta dupla perspectivação reenvia para a *démarche* entre as «identidades reais» e as «identidades virtuais» no sentido goffmaniano<sup>11</sup>, sendo que o olhar da sociedade se inscreve na normatividade que preside àquele contexto, uma normatividade institucionalizada e auxiliada por mecanismos reactivos de defesa perante o Outro (o estigmatizado) e o olhar do estigmatizado que experiencia a *décalage* entre a identidade real e a identidade virtual.

Contudo, convém sublinhar que este olhar estigmatizado é dotado das suas próprias auto-imagens e organizado numa espécie de «armadura ecológica» que rege a sua relação com o tecido social. Daí esta Escola sedimentar como enunciado hipotético o facto de que existe uma «morfologia dos mundos alternativos» face à norma oficial<sup>12</sup>. Em concreto, neste ponto de vista, não se assimila o desvio à quebra mais ou menos voluntária do conjunto normativo estabelecido, nem se concebe o desvio unicamente como um comportamento de ruptura face aos papéis socialmente atribuídos; “trata-se, sim, de mostrar que, em virtude da especificidade da interacção humana, há certas sequências de comportamentos que produzem trajectos desviantes”<sup>13</sup>. Com efeito, e como bem salienta J. Madureira Pinto, “só quando a infracção à norma é reconhecida

<sup>7</sup> CORCUFF, 1997: 116.

<sup>8</sup> Com alguma frequência, são, inclusivamente referenciados, como a “Nova Escola de Chicago”. Sobre este assunto conferir HERPIN, 1982.

<sup>9</sup> XIBERRAS, 1996: 115.

<sup>10</sup> XIBERRAS, 1996: 116.

<sup>11</sup> Sobre esta informação ver GOFFMAN, 1992.

<sup>12</sup> XIBERRAS, 1996: 114.

<sup>13</sup> PINTO, 1994: 144.

e designada como tal, dando lugar a um processo em que o transgressor assume a etiqueta como um estigma e a confirma, reincidindo, é que, em bom rigor, se pode falar em comportamentos desviantes”<sup>14</sup>.

Do ponto de vista metodológico, e recuperando as noções de *carreira* e de *eu (self)*, os interaccionistas preconizam estudos *in situ* com os grupos excluídos, estudos esses sustentados na rejeição do etnocentrismo, na empatia com o objecto, na proximidade relacional e numa concepção construtivista, em permanente devir, das categorias sociais<sup>15</sup>. A criatividade metodológica do interaccionismo residiu, assim, no facto de operar um afastamento face às investigações realizadas até ao momento acerca dos fenómenos sociais que violentavam os padrões de comportamento e as regras de moralidade vigentes, uma vez que essas pesquisas tinham como objectivo coadjuvar a sociedade estabilizada a anular os resultados perniciosos das condutas tidas como marginais.

Dito de outra forma, os interaccionistas tentaram opor aos postulados correcionais e/ou moralistas uma espécie de naturalismo sociológico; esta última perspectiva poderá ser sintetizada, no entender de J. Machado Pais, da seguinte forma: “na perspectiva do *naturalismo sociológico*, a distinção entre o *convencional* e o *marginal* é considerada tão complicada como despropositada”<sup>16</sup>. O posicionamento metodológico é pois de imbricação, baseando-se na assunção clara de uma relação de reciprocidade entre os espaços e actores «normais» e os espaços e actores ditos *outsiders*<sup>17</sup>.

### **A importância do processo de interacção simbólica: o *label***

Torna-se evidente que o interaccionismo simbólico se afigura como uma reacção ao modelo positivista, modelo esse que reificava a sociedade enquanto uma entidade objectiva e real, consistindo os indivíduos em meras *marionetas* num contexto «totalitarista» pautado pela assimetria controlo/ausência de autonomia. Deste modo, a corrente supracitada enfatiza o construtivismo das vivências, as escolhas dos indivíduos e a interpretação situacional que redundam em alterações comportamentais<sup>18</sup>. Verifica-se, com efeito, que os teóricos desta corrente prefiguram a sociedade enquanto o produto das interacções entre os indivíduos, os quais respondem e negociam (a)os símbolos.

Atendendo a estes pressupostos teóricos, o interaccionismo simbólico sustenta-se no processo de interacção simbólica, destacando o significado enquanto produto da interacção e o papel funcional dos símbolos no decurso desse mesmo processo. A interacção simbólica assume-se, assim, como a unidade mínima das trocas sociais, sendo mediatizada por símbolos interpretativos (gestos, linguagem) que presidem à atribuição de significados à própria conduta e à conduta dos outros. Trata-se de um processo temporário, negociável e em permanente (re)construção, sendo que a acção tem lugar na situação e constitui-se pela interpretação da situação.

---

<sup>14</sup> PINTO, 1994: 144.

<sup>15</sup> Afiguram-se, a título ilustrativo, como exemplo destas pesquisas *in situ*, os estudos de BECKER, 1963- *Outsiders*, de GOFFMAN, 1961- *Stigmaté*, de MATZA, 1964- *Delinquency and Drift*, de CICOUREL, 1968- *The Social Organisation of Juvenile Justice*, de COHEN, *Folk Devils and Moral Panics* e de HUGUES, 1961- *Boys in White* tal como refere N. Herpin. Conferir HERPIN, 1982.

<sup>16</sup> PAIS, 1985: 17.

<sup>17</sup> A este respeito, saliente-se a perspectiva de abordagem de MATZA, 1969 e de BECKER, 1985.

<sup>18</sup> Perspectiva citada e desenvolvida por MOORE, 1988: 44.

Particularizando, e dando ênfase ao entendimento de S. Moore acerca da corrente interaccionista, podemos dizer que: "...as pessoas criam o seu próprio mundo, fazem opções e alteram o seu comportamento de acordo com as suas próprias percepções das situações. Longe de ser uma poderosa força controladora, a sociedade passou a ser vista como um produto das interações das pessoas. (...) Os interaccionistas simbólicos argumentavam que nós éramos educados para conhecer símbolos relacionados com coisas e pessoas e que respondíamos de acordo com o que considerávamos ser a maneira correcta. As respostas não são fixadas, ou determinadas pela sociedade, são, antes alvo de negociação realizada por nós. A sociedade consiste em pessoas que respondem e negociam acerca de símbolos"<sup>19</sup>. No que concerne ao processo de etiquetagem social, os interaccionistas designam o desvio como "uma categoria semântica com base na qual certos indivíduos são identificados"<sup>20</sup>. Deste ponto de vista, podemos dizer que a existência concreta de formas de comportamento que são rotuladas como desviantes, assim como, o facto das pessoas assumirem por vezes de forma consciente e intencional uma postura desviante, não nos deve levar a assumir que o desvio é algo de intrínseco ou uma qualidade/característica que o actor social possui.

Em síntese, o conceito de desvio situa-se num quadro eminentemente relacional, na medida em que não pode ser pensado isoladamente, mas entende-se dentro de uma estrutura de oposições sociais regida pelas categorias dos «normais» e dos «desviantes»; acrescenta-se, então, que estamos perante a manifestação de um processo de categorização social<sup>21</sup>. O próprio processo social de categorização opera a distinção entre comportamentos legítimos e ilegítimos ou, como bem refere J. Pina Cabral, entre «aspectos diurnos» e «aspectos nocturnos» da vida social<sup>22</sup>.

### Desvio e rotulação: a (des)construção social do desvio

É possível identificar, na óptica dos interaccionistas, a importância da atribuição do *label* no entendimento de um acto desviante e as consequências que a imputação de um determinado rótulo acarreta no modo como um actor social rotulado é tratado pelos outros e no modo como se percebe a si próprio. Aqui, torna-se patente o valor da categorização social enquanto processo que rege a vivência quotidiana e no qual se baseia a interacção. Atente-se, por exemplo, na distinção que E. Lemert opera entre o «desvio primário» e o «desvio secundário». No entender deste autor, um acto inicial de infracção situa-se no campo do desvio primário, enquanto que a aceitação do rótulo de desviante e a auto-percepção como tal se situa no campo do desvio secundário<sup>23</sup>.

Assim, podemos dizer que o paradigma das *labelling theories* considera que a etiquetagem se rege pelos seguintes eixos<sup>24</sup>: a *variabilidade*, isto é, a rotulagem é variável de acordo com diversos factores como o local de residência, o género, a idade, etc. (ex. o estudo de Kitsuse versando as respostas a homossexuais<sup>25</sup>); a *negociabilidade*, isto é, a

<sup>19</sup> Perspectiva citada e desenvolvida por MOORE, 1988: 44.

<sup>20</sup> HERPIN, 1982: 83.

<sup>21</sup> Ver a este respeito a abordagem que é feita por GOLDWASSER, 1974: 29-51

<sup>22</sup> CABRAL, 2000: 875-883.

<sup>23</sup> Cf. LEMERT, 1994: 298-303.

<sup>24</sup> MOORE, 1988: 46-47.

<sup>25</sup> KITSUSE, 1962.

rotulagem não é irreversível e algumas vezes procede-se a uma reetiquetagem, sendo que uns indivíduos conseguem rejeitar o rótulo negativo, enquanto que outros não reúnem condições/recursos que permitam rejeitar esse rótulo; e o *master status*, isto é, processo mediante o qual, desde que um determinado rótulo é imputado a um indivíduo, todas as suas acções, presentes e passadas, são interpretadas à luz desse mesmo rótulo.

No respeitante aos efeitos da etiquetagem no modo como as pessoas se percebem a si próprias, será de relevar que a construção identitária é o resultado do modo como os outros agem e respondem em relação a nós, podendo mesmo dizer-se que “construímos a nossa identidade de acordo com a forma como os outros agem face a nós. Se uma pessoa comenta como eu sou feio, que tenho um nariz muito grande ou uma pele manchada, então é provável que eu veja um grande nariz, manchas e um homem feio e que pense em mim dessa forma. Esta visão que tenho de mim vai influenciar a maneira como eu reajo com os outros. (...) Becker salienta que o processo pelo qual as pessoas assumem uma identidade dada pelos outros pode ser encarado como uma “carreira”. (...) este processo acontece a todo o momento na área do desvio, à medida que as pessoas gradualmente vão assumindo o *status* quer seja de toxicod dependente ou de pedófilo”<sup>26</sup>.

A propósito da (des)construção social do desvio, atente-se, igualmente, nas consequências da relação dialéctica que envolve os desviantes e os não desviantes, dado que “um é definido pelo outro, um não pode existir sem o outro, um é função do outro”<sup>27</sup>. Indo mais longe, E. Goffman sugere que o vector básico de análise se centra não no comportamento próprio de um actor social, mas no comportamento socialmente percebido<sup>28</sup>.

Outra das consequências do processo de etiquetagem centra-se naquilo que Goffman designa como *spurious interaction* ou interacção falsa. Isto significa que as pessoas que estão em contacto com a pessoa etiquetada agem e conversam com ela tendo sempre presente o rótulo, logo, acabam por ignorar o que a pessoa etiquetada é *de facto na realidade*. Exemplificadamente, S. Moore constata que, endereçando as críticas respectivas ao modelo psiquiátrico positivista convencional, os teóricos da etiquetagem preconizam que a doença mental é um rótulo aplicado ao comportamento de certas pessoas (e não outras) em determinadas circunstâncias; o conceito de doença mental é assim, um construto social na medida em que os outros concorrem para a aquisição do quadro sintomático da doença após a imputação do rótulo.

Também o processo de estigmatização social tal como é explicado por Erving Goffman deriva de uma «etiquetagem» social, demonstrando o carácter lateral que a questão do desvio assume em relação às normas na problemática goffmanniana. Com efeito, este autor diferencia dois tipos de identidades sociais: a identidade social virtual que é construída a partir do somatório de informações do «eu» recolhidas na interacção - aspectos físicos, reputação, modos de falar, modos de vestir, etc., e a identidade social real, composta pelos atributos próprios, ou seja, reais, dos indivíduos.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> MOORE, 1988: 48.

<sup>27</sup> KACELNIK, 1985: 113.

<sup>28</sup> Cf. GOFFMAN, 1992.

<sup>29</sup> GOFFMAN, 1992: 11.

Alguns destes atributos implicam o «descrédito» imediato dos indivíduos que os possuem. Se os atributos que conferem descrédito não se apresentarem, de imediato, no decurso da interacção social, o indivíduo tende a ocultá-los, por intermédio de táticas, fazendo corresponder a sua identidade social virtual à sua identidade social real. Durante a interacção social podem emergir discrepâncias reais entre o que a sociedade vê e o que o indivíduo é, nascendo, também, deste modo, o estigma. Este é constituído pela valorização dos atributos mais negativos dos sujeitos, ocasionando anátemas que na interacção, vão constituir marcas de desqualificação e exclusão, constituindo estereótipos identificativos a todo o momento.

No essencial, a estigmatização pode ser encarada como uma forma de classificação que, avivando as suas identidades negativas, lança no descrédito determinadas categorias sociais consideradas como «anormais» face aos padrões dominantes<sup>30</sup>. As pessoas, nesta situação, sentem-se inferiorizadas perante uma sociedade que as rejeita. A estigmatização, assinalando a diferença, é uma marca do indesejável, permitindo a constituição de uma plataforma geradora de processos de evitamento e de recusa do outro. De certa forma, rejeita-se o «estranho», o «estrangeiro», aquele que é diferente, que é mantido ao lado, ainda que devesse estar *com* ou *entre*. Obviamente que os processos de etiquetagem operados pela sociedade não radicam apenas em características exteriormente visíveis - cor da pele, estrutura óssea, textura do cabelo, forma de vestir, etc. - , mas igualmente em características intrínsecas e nem sempre exteriorizadas e exteriorizáveis - nível de rendimento, local de residência, naturalidade, etc.. Disto é exemplificativa a construção social de uma imagem homogeneizada de «habitante social» que, como sabemos, é redutora da diversidade de vivências e modos de vida inerentes a esse mesmo habitante. Através do processo de estigmatização, esses habitantes são representados pela sociedade em geral como desviantes, delinquentes e transgressores. Assim, opera-se uma verdadeira fabricação de identidades que será determinante para a orientação das actividades dos actores sociais nos seus quadros de interacção, sendo de salientar a relativa perversão operada acerca das identidades reais dos actores em presença.

## 2. Contributos do interaccionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio: a perspectiva de Stanley Cohen

*“Os media actuam sobre um momento e fabricam colectivamente uma representação social, que, mesmo estando distante da realidade, perdura apesar dos desmentidos ou das rectificações posteriores, pois que ela não faz mais do que reforçar as interpretações espontâneas e os pré-juízos e tende por isso a redobrá-los”.*

Patrick Champagne, *La vision médiatique*, 1993

### Desvio, «pânico moral» e media

Seguindo de perto o entendimento dos interaccionistas acerca do desvio, podemos apresentar o postulado de H. Becker que defende que socialmente existe a

<sup>30</sup> GOFFMAN, 1992: 12.

<sup>31</sup> Cf. BECKER, 1985. Esta temática aparece especificamente desenvolvida no capítulo 8 desta obra, intitulado: “Les entrepreneurs de morale”, pp. 171-188.

necessidade de montagem de uma «cruzada moral» de mobilização geral <sup>31</sup>, no sentido de propiciar a criação de novas leis ou normas, tendo como objectivo supremo a libertação da sociedade face aos «males» sociais criados pelos desvios.

Na esteira de H. Becker, e dos teóricos da etiquetagem em geral, outro ponto que importa sublinhar é que os *media*, nos seus diferentes suportes, são indispensáveis para se alcançar uma «cruzada moral» bem sucedida <sup>32</sup>, quer pelo facto de accionarem de forma intensa um processo de sensibilização face ao desvio, quer pelos efeitos de amplificação do desvio que introduzem nos seus discursos e nas representações colectivas a esse respeito.

O pensamento de S. Cohen <sup>33</sup> segue esta lógica e a sua principal atenção dirige-se para a análise de um conjunto particular de reacções sociais, nomeadamente as relativas aos discursos dos *media* encarados como um dos maiores *produtores de pânico morais*, remetendo inclusivamente para as análises posteriores que têm vindo a ser feitas por P. Bourdieu que advertem que: “devemos evitar esquecer que as relações de comunicação por excelência que são as trocas linguísticas também são relações de poder simbólico, onde se actualizam relações de força entre os locutores ou os seus grupos respectivos” <sup>34</sup>. Assim, e pese embora as críticas que se poderão apresentar à corrente interaccionista, a abordagem de S. Cohen é precursora de um conjunto de abordagens mais recentes no quadro da relação dos *media* e a «construção de problemas sociais» <sup>35</sup>. S. Cohen coloca inicialmente a sua problemática analítica da seguinte forma: “de tempos a tempos a sociedade parece estar sujeita a períodos de pânico moral. Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas surge para se tornar definido como uma ameaça para os valores e aos interesses sociais; a sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pelos mass *media*, as barreiras morais são geridas pelos editores, moralistas, políticos e outras pessoas «correctas»” <sup>36</sup>.

Em termos de enquadramento, poderemos dizer que uma das formas mais correntes de «pânico moral» na sociedade inglesa do pós II Guerra Mundial, se relaciona com a emergência de várias formas de cultura juvenil <sup>37</sup>, associadas directa ou indirectamente a comportamentos tidos como desviantes ou delinquentes. Dentre essas várias formas de cultura juvenil existentes nos anos 60, ou soluções subculturais, destacam-se os *Mods* e os *Rockers*, pelo facto de terem assumido crescentemente um estatuto de «folk devils» <sup>38</sup>, servindo de referência societal e contexto normativo para tudo o que os jovens não deveriam ser, ou dizendo de outro modo, como um «mau exemplo» para os jovens. Insista-se numa dimensão fundamental que assegurou o estatuto de «folk devi-

<sup>32</sup> Perspectiva corroborada por MOORE, 1988: 62.

<sup>33</sup> Segundo Stephen Moore, um dos melhores estudos acerca da amplificação dos desvios por parte dos *media* e consequentes reacções societais foi realizado, nos anos 60, por Stanley Cohen e intitula-se: *Folk Devils & Moral Panics. The Creation of the Mods and Rockers*. Cf. MOORE, 1988: 62.

<sup>34</sup> BOURDIEU, 1998: 13-14.

<sup>35</sup> Sendo de particular importância a abordagem de CHAMPAGNE, 1993: 61-79 ou de BOURDIEU, 1997.

<sup>36</sup> COHEN, 1980: 9.

<sup>37</sup> Inicialmente só reportada às classes operárias, mas também, e particularmente nos anos 60, às classes médias e estudantis. Essas subculturas juvenis têm como denominador comum o de estarem associadas a diversas formas de violência e têm tomado as seguintes designações semânticas: *teddy boys*, *mods*, *rockers*, *hells angels*, *skin-heads* e *hippies*. Cf. COHEN, 1980.

<sup>38</sup> Designação utilizada por Stanley Cohen e cuja tradução nos remete para a expressão: «diabos populares». Cf. COHEN, 1980.

ls» relativamente aos dois grupos juvenis mencionados. Um eixo decisivo de compreensão da reacção face ao desvio, quer pela opinião pública em geral, quer pelos chamados «agentes do controlo social»<sup>39</sup>, situa-se na natureza da informação que é veiculada e recebida acerca dos comportamentos dos jovens referidos.

No entender de S. Cohen, cada estrutura social interioriza um conjunto de ideias acerca das causas do desvio e essas concepções determinam e enformam as reacções face a tais comportamentos<sup>40</sup>. Esse processo de interiorização e de incorporação é determinado pelos *media* que são, nas sociedades actuais, os grandes produtores e difusores de informação e de conhecimento; assim, como refere S. Cohen, “o corpo de informação a partir do qual tais ideias são construídas é recebido invariavelmente em segunda mão”, o que quer dizer que “chega já processado pelos *mass media*, significando que a informação esteve sujeita a definições alternativas do que constitui uma «notícia» e de como ela deve ser tratada e apresentada”<sup>41</sup>. Convém salientar que a informação recebida socialmente é estruturada em função dos constrangimentos sociais e políticos a que estão sujeitos os *media*, sendo de assumir que se orienta por critérios veiculados pelas matrizes reinantes de cultura. Está-se perante um processo em que os *media* actuam como agentes de «indignação moral» na medida em que divulgam e noticiam factos susceptíveis de gerar preocupação, ansiedade, insegurança, indignação, medo ou mesmo, pânico; constituem, portanto, as grandes agências de produção de «problemas sociais».

Dentro da investigação de S. Cohen, importará também realçar a este respeito que os *media* consagram uma grande parte do seu campo de informação ao desvio<sup>42</sup>, nomeadamente, aos crimes sensacionalistas, aos escândalos, às desgraças humanas, às loucuras humanas e a todo o tipo de comportamento tido como anormal e sempre num registo e numa lógica explicativa mais ou menos psicologizante<sup>43</sup>, impondo os limites normativos adequados à própria sociedade. Não será demais acrescentar a existência de um certo paralelismo, neste ponto, com a perspectiva habermasiana de que a esfera pública como espaço de debate público onde podem surgir questões e formar opiniões aparece altamente ameaçada pelo estrangulamento do debate democrático operado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação social de massas e do entretenimento de massas<sup>44</sup>, transformados em veículos fundamentais de produção de informação e de conhecimento.

Interrelacionadamente, outro ponto que importa sublinhar diz respeito à identificação da variável chave que determina que a reacção social aumente, ao invés de reduzir, a quantidade de desvio: a forma assumida pela informação. E, a esse respeito, a informação vê-se constituída de tal forma que a acção e os actores nela envolvidos são representados de forma estereotipada, na medida em que o que importa é a percepção cognitiva da ameaça e não a sua existência real; daí que possamos dizer que “a reacção

<sup>39</sup> Que abarcam no entender de Stanley Cohen: os polícias, os tribunais e os *media*. Cf. COHEN, 1980.

<sup>40</sup> COHEN, 1980: 16 e ss.

<sup>41</sup> COHEN, 1980: 16.

<sup>42</sup> Stanley Cohen cita a este propósito Erikson: “...uma proporção considerável do que consideramos notícias é direccionada para reportagens acerca do comportamento desviante e das suas consequências”. Cf. COHEN, 1980: 17.

<sup>43</sup> Saliente-se que Gilberto Velho partilha deste mesmo entendimento. Cf. VELHO, 1974: 11-28.

<sup>44</sup> Cf. HABERMAS, 1984.

a um acto determina se este é classificado como desviante, e a maneira como o acto é descrito e rotulado também determina a forma do desvio subsequente<sup>45</sup>. Num registo de síntese, poderemos dizer que para S. Cohen, os modelos de desvio são circulares e amplificados; assim, o impacto do desvio é seguido de imediato por uma reacção societal, a qual tem o efeito de aumentar o subsequente impacto, funcionando numa espécie de *feed-back*. A existência de comportamentos rotulados como desviantes no decorrer da interacção social não nos poderá fazer crer que o desvio é algo de intrínseco ou um qualificativo específico dos actores sociais. Nesta perspectiva, o desvio é o resultado da aplicação societal de determinadas regras e sanções cujo não cumprimento ocasiona a imposição da etiqueta, portanto, o conceito base a considerar será o da reacção social face ao desvio.

### (Re)conhecimento da importância do «inventário» mediático

Tendo em vista a ilustração da amplificação do desvio pelos *media*, S. Cohen realizou um estudo acerca dos incidentes ocorridos entre dois grupos juvenis, os *Mods* (derivados dos *skinheads*) e os *Rockers* (derivados dos *motards*). Estes incidentes, ainda que sem graves consequências, levaram à prisão vinte e quatro jovens. Nesta altura, os jornais estavam a vivenciar um contexto de falta de notícias sensacionalistas pelo que aproveitaram esta oportunidade para *exagerar* e *distorcer* os eventos. Para além disso, realizaram *prognósticos* acerca da ocorrência de acontecimentos semelhantes noutras cidades inglesas, o que influenciou a polícia e os magistrados a tomarem medidas severas face aos jovens tidos como *Mods* ou *Rockers*. A grande preocupação de S. Cohen prende-se com a análise da forma através da qual a situação foi inicialmente abordada e apresentada pelos *media*, o que equivale a dizer, a forma como a maioria das pessoas recebeu e processou o desvio.

### Quadro 1: Enunciado do desvio inicial segundo S. Cohen

**Relato do Acontecimento e do Contexto de Partida (Desvio Inicial)**<sup>46</sup>

Tudo se passou numa pequena estância de férias situada na costa este de Inglaterra, Clacton, durante a Páscoa de 1964. Os donos dos estabelecimentos comerciais estavam descontentes com a pouca actividade dos seus negócios e os próprios jovens estavam também insatisfeitos pelo facto de terem surgido alguns rumores segundo os quais existiria uma relutância por parte dos donos dos cafés e seus empregados em servi-los. Assim, alguns grupos de jovens começaram a amofinar-se nas ruas e a atirar pedras uns aos outros. Perante esta ambiência caracterizada por uma certa conflitualidade, as fracções dos *Mods* e dos *Rockers* começaram a separar-se, tornando-se crescentemente rivais. Em motos ou em *scooters*, os *Mods* e os *Rockers* respectivamente, andavam de um lado para o outro fazendo imenso barulho, começando a aparecer algumas janelas partidas, algumas barracas de praia destruídas, sendo de acrescentar ainda o facto de um rapaz ter sido ferido em confrontos com uma pistola. Assim, o elevado número de pessoas nas ruas, o barulho, a irritação geral e uma força policial não preparada para lidar com jovens tiveram o efeito de tornar esses factos desaprazíveis, agressivos e ameaçadores. Em termos de protótipo, este foi o *desvio inicial ou impacto*.

<sup>45</sup> COHEN, 1980: 24.

<sup>46</sup> Com base na descrição de COHEN, 1980: 29.

Uma primeira fase de abordagem dos incidentes por parte dos *media* é apelidada por S. Cohen de *inventário*, que constitui um período de rumores e de percepções ambíguas funcionando como base de interpretação da situação<sup>47</sup>, originando o seguinte fenómeno: “as reacções desenrolam-se na base dessas imagens processadas: as pessoas ficam indignadas ou importunadas, formulam teorias e planos, fazem discursos, escrevem cartas aos jornais. A apresentação dos *media* ou inventário dos eventos dos *Mods* e *Rockers* é crucial para determinar os últimos níveis da reacção”<sup>48</sup>. As reportagens dos incidentes eram seguidas por registos da polícia e actividades dos tribunais, assim como, por uma intensa reacção local face aos jovens. Sistematizando, o que S. Cohen acentua é que o inventário dos *media* se pauta por quatro características fundamentais: *exagero*, *distorção*, *prognóstico* e *simbolização*.

A *distorção* aparece primeiramente ligada ao modo e estilo de apresentação das notícias acerca dos incidentes: títulos sensacionalistas ou enganosos, uso do plural genérico para a descrição dos acontecimentos e vocabulário melodramático. A este propósito, será de referir o uso sistemático de vocábulos, tais como, «motim», «bacanal de destruição», «assalto à cidade», deixa antever a imagem de uma “cidade sitiada, na qual as pessoas estavam a passar férias e fugiram, de modo a escapar aos movimentos de pilhagem”<sup>49</sup>. S. Cohen destaca ainda outro veículo de *distorção* que se prende com a própria dinâmica de publicação das notícias que opera pela repetição diária de falsas histórias porque se baseiam na divulgação de alguns rumores não confirmados<sup>50</sup>.

O *exagero* verifica-se pela amplificação dos elementos contidos nas notícias: “o maior tipo de *distorção* no inventário reside em exagerar substancialmente a seriedade do evento, quer em termos de critérios, assim como, nos números mencionados, no número envolvido em violência e a quantidade de efeitos de qualquer prejuízo ou violência”<sup>51</sup>. Ao analisarmos o conteúdo e não a forma do inventário, constatamos que uma proporção da imagem apresentada do desviante era antevista, isto é, não tinha qualquer fundamentação objectivo. Aliás, S. Cohen refere que este tipo de *exagero* das reportagens, de dizer mais do que realmente aconteceu, não diz apenas respeito ao caso dos *Mods* e dos *Rockers*, emerge como “uma característica não apenas das notícias acerca do crime como um todo, mas dos inventários dos *mass media* de eventos como protestos políticos, distúrbios raciais, etc.”<sup>52</sup>.

O *prognóstico* como elemento do inventário irá assumir um papel determinante no desenrolar das representações sociais, na medida em que se consubstancia numa ideia

<sup>47</sup> A título exemplificativo, Cohen constatou que após os primeiros incidentes que deram a conhecer à sociedade os *Mods* e os *Rockers*, quase todos os jornais publicaram no dia seguinte reportagens sobre o assunto recorrendo a títulos tais como “Dia de terror causado por grupos de *scooter*”, “Jovens arrasam cidade” ou “Pessoas selvagens invadem Seaside - noventa e sete detenções”. Paralelamente, os editoriais dos jornais abordavam o tema, começando a aparecer entrevistas com alguns jovens intitulados como *Mods* ou *Rockers*, com pessoas que presenciaram os acontecimentos, etc..

<sup>48</sup> COHEN, 1980: 30.

<sup>49</sup> COHEN, 1980: 31.

<sup>50</sup> Do ponto de vista do autor, estas histórias desempenham um papel muito importante, pois entram na consciência colectiva e determinam as reacções sociais em fases posteriores, na medida em que: “a repetição de histórias que são obviamente falsas, apesar de não ter provas disso, é um achado habitual em estudos do papel dos *mass media* em espelhar o histerismo em massa”, Cf. COHEN, 1980: 33.

<sup>51</sup> COHEN, 1980: 31.

<sup>52</sup> COHEN, 1980: 32.

implícita, presente virtualmente em todas as notícias, de que o sucedido se irá inevitavelmente repetir. Seguindo de perto as palavras de S. Cohen, poderemos mesmo dizer que: “os prognósticos efectuados na fase do inventário tomam a forma de afirmações de figuras locais, tais como, os homens de negócio, as autoridades autárquicas e o porta-voz da polícia acerca do que deve ser feito da «próxima vez» ou as precauções imediatas que devem ser tomadas”, e ainda mais quando os *media* proporcionam que os próprios jovens em geral se posicionem face ao local dos incidentes como local a evitar no futuro para a passagem de férias, ou mesmo, quando entrevistam um *Mod* e um *Rocker* e estes, no discurso directo, admitem «vinganças próximas»<sup>53</sup>. De facto, no âmbito do prognóstico, o mais importante é dar relevância a elementos discursivos que confirmem e acentuem as expectativas existentes acerca da situação, eliminando, sempre que possível, elementos que possam contradizer uma realidade que se quer coerente, uniforme e coesa.

Finalmente, o poder *simbólico* das palavras e imagens dos *media* assume-se como elemento fundamental na comunicação de estereótipos durante a fase do inventário levando a que S. Cohen considere que: “a comunicação e especialmente a comunicação dos *mass media* acerca de estereótipos, depende do poder simbólico das palavras e imagens”<sup>54</sup>. Assim, algumas palavras neutras ligadas a nomes de lugares<sup>55</sup> começam a simbolizar ideias e emoções. Exemplificadamente, a palavra *Mod* tornou-se um símbolo de um indivíduo delinvente ou desviante, o mesmo acontecendo com algumas formas e objectos, tais como, o corte de cabelo e a roupa, pois também se tornaram símbolos do estatuto desviante e das emoções colectivas relacionadas com esse estatuto. Assim, os termos *Mod* e *Rocker* são despojados de um contexto neutral de significação, ligados a estilos diferentes de consumos musicais, e passam a ter um significado amplamente negativo; “por intermédio da *simbolização*, mais do que acontece com os outros tipos de exagero e distorção, as imagens podem tornar-se mais enganosas do que a própria realidade”<sup>56</sup>.

Em síntese, poderemos dizer que os inventários não são uma simples verificação de acontecimentos, mas antes, como refere S. Cohen, um conjunto de notícias manipulado e fabricado, revestido de “elementos de fantasia, má selecção e criação deliberada de notícias”<sup>57</sup>. Neste ponto convém destacar dois aspectos que determinam a apresentação do inventário sobre o desvio: a necessidade institucionalizada de se criar notícias e a estrutura selectiva do processo de criação de notícias.

Após a fase de construção do inventário interessa perceber como é que as suas imagens foram cristalizadas em opiniões e atitudes que correspondem a sistemas de crenças generalizados no quadro da opinião pública e interiorizados cognitivamente por forma a organizarem o quadro discursivo e mental dos actores sociais a respeito, no caso em análise, dos *Modes* e *Rockers*. As temáticas principais do sistema de valores e de crenças (temas de opinião e atitudes) podem ser sistematizadas segundo três categorias temáticas: *orientação, imagens e causas*.

<sup>53</sup> COHEN, 1980: 39.

<sup>54</sup> COHEN, 1980: 40.

<sup>55</sup> Alguns exemplos deste tipo de palavras são: Pearl Harbor, Hiroshima, Dallas, etc.. No caso português, podemos apontar por exemplo, Amarante em virtude de ter sido palco, em Maio de 1997, de uma intensa divulgação mediática como local de existência de actividades ilícitas ligadas aos bares de alterne e à prostituição em geral.

<sup>56</sup> COHEN, 1980: 43, o itálico é nosso.

A primeira centra-se na *orientação* que remete para o *ponto emocional* e intelectual a partir do qual o desvio é avaliado. No caso particular em análise, a primeira orientação foi de encarar o comportamento dos grupos como desastroso para a sociedade seguida de uma outra orientação que percepcionava os acontecimentos como uma profecia da destruição, finalizando-se por uma abordagem do problema no seu todo e não apenas no comportamento em si, dando particular importância ao meio social de origem dos jovens, que seria propenso a outras manifestações sociais destrutivas, tais como, o hooliganismo, o vandalismo, a violência, a toxicodependência ou a promiscuidade<sup>58</sup>.

A segunda categoria temática baseia-se nas *imagens* acerca dos desviantes e dos seus comportamentos. Uma primeira fonte imagética canaliza-se para as atribuições ilegítimas que tinham como função sustentar uma teoria particular para a acção dos jovens e que se concretizou no facto de muitos dos *Rockers* e *Mods* terem sido apelidados pelos *media* como rufias ou *hooligans*, entrando no imaginário colectivo como uma espécie de estigma compósito composto por um conjunto de atributos tais como, a irresponsabilidade, a imaturidade, a arrogância, a falta de respeito pela autoridade e pela propriedade, etc.. Esta catalogação (equivalente ao cerimonial de degradação do *status* apontado por Garfinkel) fez com que muitos dos jovens vissem associados a si essa imagem só porque agiam de certo modo ou vestiam certas roupas. Outra imagem baseia-se na atribuição espúria de culpa por associação a todos os jovens que tivessem frequentado os locais dos distúrbios<sup>59</sup>.

A terceira categoria temática prende-se com a atribuição de *causas* para o comportamento desviante. Assim, em primeiro lugar, entende-se a génese do comportamento desviante da seguinte forma: «é como uma doença»; tenta-se explicar a delinquência juvenil através da doença, uma «doença social contagiosa» para a qual têm que se encontrar remédios<sup>60</sup>. Uma segunda causa apontada remete para o «cabalismo», pois o comportamento dos jovens é percepcionado como tendo sido planeado com antecedência, fazendo parte de um esquema conspiratório mais geral e manobrado por uma organização geral<sup>61</sup>. Outra das causas que está na base do comportamento dos *Mods* e dos *Rockers* relaciona-se com o «tédio» das suas vidas, culpando a sociedade, em particular, o meio escolar, os clubes de jovens e a Igreja, por não terem proporcionado aos jovens o desenvolvimento de interesses e oportunidades criativas e úteis à comunidade. Concomitantemente, emergem também outros discursos que consideram que existem muitas oportunidades para os jovens, e encaram que o tédio é «um defeito» psicológico inerente aos próprios jovens<sup>62</sup>.

Tendo analisado as bases do inventário e os seus impactos no sistema de crenças e de opiniões, podemos então dizer que a maioria dos conteúdos expressos nos *media* entraram no imaginário do público e desencadearam as bases do controlo social que passaremos a analisar de seguida.

<sup>57</sup> COHEN, 1980: 44.

<sup>58</sup> Cf. COHEN, 1980: 51-54.

<sup>59</sup> Cf. COHEN, 1980: 54-61.

<sup>60</sup> Cf. COHEN, 1980: 62-63.

<sup>61</sup> Cf. COHEN, 1980: 63-64.

<sup>62</sup> Cf. COHEN, 1980: 64-65.

### As reacções sociais e o sistema de controlo social face ao desvio

A partir da construção do inventário e da elencagem dos temas de opinião e atitudes, S. Cohen procede à análise dos traços principais através dos quais os *Mods* e os *Rockers* são identificados como desviantes de um tipo particular e são colocados numa posição acomodada na categoria de «folk devils». Os modelos sociais dominantes que explicam o desvio, formam a base da política social e da cultura de controlo social. Assim, o sistema social vai tentar dar respostas para o «pânico moral» instalado. Neste ponto, que S. Cohen apelida de «reacção, o socorro e as faces do remédio»<sup>63</sup>, o autor vai tentar sistematizar as respostas sociais: *sensibilização, cultura do controlo social e exploração*.

A primeira reacção a estes grupos tem subjacente o processo de *sensibilização* através do qual se transforma uma situação ambígua numa ameaça forte e generalizada permitindo a eliminação da ansiedade através da estruturação da situação por forma a torná-la mais previsível, fazendo ainda com que “qualquer item de notícia que entra na consciência do indivíduo tem o efeito de aumentar a sua atenção face a cláusulas que sejam da mesma natureza que o indivíduo possa ter ignorado no passado”<sup>64</sup>. No caso em análise, os *Mods* e os *Rockers*, os principais efeitos de sensibilização centram-se na grande ênfase que é dada ao *hooliganismo* como explicação das suas condutas e na reclassificação e reinterpretção dos eventos entre esses grupos como manifestações desse mesmo fenómeno mais vasto<sup>65</sup>. Através deste quadro explicativo, os actores sociais não vão descurar determinados aspectos, pois estão sensibilizados para eles, mostrando que “a sensibilização ocorre porque são dados aos símbolos novos significados”<sup>66</sup>. Em suma, os *media* desenvolveram um dispositivo de vigilância acerca dos indícios relativos a uma ameaça à comunidade e as respectivas acções a ser tomadas quando essa se tornar evidente ou somente pressentida.

Simultaneamente, a instauração de uma *cultura de controlo social* é também uma das reacções sociais que podemos destacar dentro do imaginário colectivo. Com efeito, através deste mecanismo as reacções sociais são organizadas com base em normas e procedimentos institucionalizados accionados por agentes oficiais de controlo social que se corporizam nos polícias, médicos, organizações humanitárias, etc. Esta cultura do controlo social é caracterizada, segundo S. Cohen, por alguns elementos comuns, tais como, a difusão, a escalada e a inovação. A difusão, como elemento mais visível da cultura do controlo social, radica na sua difusão progressiva para além da área em que o comportamento desviante ocorreu. A escalada opera através de um mecanismo cognitivo que faz com que as representações do desvio aumentem de intensidade, assumindo proporções nunca dantes vistas. A inovação centra-se no accionar de uma pluralidade de respostas face ao desvio, implicando a mobilização de metodologias e técnicas em prol do seu combate de perfil «revolucionário».

A reacção ao comportamento desviante também envolve a implantação de uma *cultura explorativa* do desvio que se pode revestir de duas facetas: comercial e ideológica. A primeira tem a ver com os proveitos indirectos derivados dos comportamentos desviantes por parte de actores sociais ditos normais, como por exemplo advogados

<sup>63</sup> Correspondente ao capítulo 4 da obra de referência de Stanley Cohen (COHEN, 1980).

<sup>64</sup> COHEN, 1980: 77.

<sup>65</sup> COHEN, 1980: 77-85.

<sup>66</sup> COHEN, 1980: 81.

criminais, polícias corruptos, órgãos de comunicação social, entre outros. A exploração ideológica liga-se com o uso do desvio na comunicação, particularmente na comunicação pública, para defender ou anunciar uma ideologia.

Por fim, S. Cohen aponta uma fase que denomina de *o aviso e o impacto*. Como já referimos, o papel atribuído aos *Mods e Rockers* foi o de *hooligans* e o de jovens violentos. A constante repetição de uma imagem que relacionava os jovens a grupos de gangs em permanente luta teve como efeito dar a esses agrupamentos juvenis informais uma estrutura que nunca tiveram e uma mitologia a partir da qual se justificava essa mesma estrutura. Aliás, os *media* também avisaram e reforçaram o impacto de outra polarização, a que se estabeleceu entre os jovens desviantes, por um lado, e toda a comunidade adulta, pelo outro, sendo que os primeiros eram vistos como inimigos na guerra contra o crime e os segundos como aliados.

### Uma síntese analítica acerca da perspectiva de Stanley Cohen

A abordagem de S. Cohen conduz-nos à aceção de que os *media* são importantes elementos de construção de representações sociais. Neste sentido, podemos mesmo considerar que são capazes de fabricar um «falso objecto» segundo a perspectiva e terminologia de P. Champagne, sendo ainda de ressaltar que: “desde que sejam as populações marginais ou desfavorecidas que atraíam a atenção jornalística, os efeitos da mediatização estão longe de serem o que estes grupos sociais poderiam esperar, pois os jornalistas dispõem neste caso de um poder de constituição particularmente importante, a fabricação do acontecimento escapa quase totalmente a estas populações”<sup>67</sup>. Desta feita, a «construção mediática do desvio» é particularmente digna da análise sociológica no caso dos chamados grupos dominados, pois estes não detêm recursos quantitativos ou qualitativos que lhes permitam reagir aos estereótipos veiculados pelos *media*, não sendo de estranhar que não *falem*, mas sejam sobretudo *falados*.

Esta análise também nos leva a equacionar o facto de que os indivíduos situados nos mais baixos escalões da estrutura social serão, porventura, os mais vulneráveis à fabricação de representações mediáticas acerca das suas próprias vidas, pois ocupam uma posição de dominação cultural, social, política e simbólica. Esta situação, como deixamos antever anteriormente, é particularmente importante e quotidianamente presenciada no conjunto de pessoas que habitam, nas cidades, bairros de pendor social, associados à degradação física e humana, assim como, à prática de actos ilícitos num quadro de uma economia paralela. Com P. Champagne poderemos dizer que “estes bairros são representados como insalubres e sinistros, e os seus habitantes como delinquentes”; as pessoas que os habitam e “que procuram trabalho não ousam dizer que habitam nestes locais na medida em que estes são universalmente mal afamados” através da sua enunciação mediática<sup>68</sup>.

Na esteira de P. Bourdieu, poderemos ainda adiantar que estamos perante a produção de fenómenos de violência simbólica, na medida em que esta “é uma violência que se exerce com a cumplicidade táctica dos que a sofrem e também, muitas vezes, dos que a exercem na medida em que uns e outros estão inconscientes do facto de a

<sup>67</sup> CHAMPAGNE, 1993: 65.

<sup>68</sup> CHAMPAGNE, 1993: 73.

exercerem ou de a sofrerem”<sup>69</sup> e sendo assim, podemos avaliar o exercício analítico e explicativo de S. Cohen, sob os auspícios do interaccionismo simbólico, como muito importante, na justa medida em que permite à sociologia a revelação dos processos de (des)construção dos acontecimentos quotidianos de pânico por via dos *media*, desmontando as homogeneidades dos espaços, dos actores e das causas, e contestar a fórmula de que “as aparências dão sempre razão às aparências”<sup>70</sup>. Aliás, os acontecimentos de perfil desviante divulgados pelos *media* tendem a encobrir uma realidade de sofrimento que passa por um cumulativo de exclusões vivenciadas por estas populações na escola, na cidade, no mercado de trabalho e face à sociedade em geral.

### 3. Cenários portuenses de insegurança: um exercício de aplicação

#### Nota metodológica

Utilizando a imprensa escrita como fonte de informações acerca dos mecanismos de (re)construção dos desvios sociais, procedemos a um exercício de aplicação acerca das teses interaccionistas e, particularmente, da abordagem de S. Cohen tendo como referência o facto de que: “ao dar uma visão necessariamente selectiva e ao privilegiar certas interpretações do acontecimento, a imprensa contribui para fabricar o sentido político-social desses movimentos com significações, ao mesmo tempo, super-abundantes e ambíguas”<sup>71</sup>. Tal como anunciamos anteriormente, procedemos à constituição de um *corpus* de análise de notícias da imprensa (*Jornal de Notícias e Jornal Público - Edição Porto*) relativo a dois anos (desde Maio de 1999 até Maio de 2001, inclusive).

O material empírico que esteve na base deste trabalho consistiu em todos os artigos acerca da habitação tida como social, em sentido lato, ao longo desse período de tempo. Assim, a recolha das notícias teve como critério de selecção o facto de estarem relacionadas com referências a contextos de habitação social da cidade do Porto, assumindo que dentro do tecido urbano, é possível destacar alguns lugares reconhecidos socialmente pela sua «má fama» ou «má reputação», coincidentes, na generalidade, com esses espaços de habitação. Através dessa recolha sistemática de informação obtivemos um *corpus* analítico constituído por 330 notícias distribuídos desigualmente pelo *Jornal de Notícias* (207 notícias) e pelo *Jornal Público* (123 notícias)<sup>72</sup>.

Esta recolha de informação restringiu-se aos espaços habitacionais da cidade do Porto que têm uma natureza dita social, isto é, que do ponto de vista simbólico congregam territórios de exclusão e se assumem no imaginário colectivo como locais que evidenciam uma maior prática e vivência de comportamentos desviantes. Esta assunção prévia permitiu-nos apelidá-los de «cenários de insegurança» no sentido em que é assim que são representados nos discursos políticos, sociais e mediáticos, sendo palco de todas as «incivildades» e “cujas vítimas principais e os primeiros culpados se supõe que são os moradores desses mesmos bairros”<sup>73</sup>. Esta questão liga-se indissoci-

<sup>69</sup> BOURDIEU, 1997: 9.

<sup>70</sup> CHAMPAGNE, 1993: 75.

<sup>71</sup> CHAMPAGNE, 1998: 222.

<sup>72</sup> A enunciação dos títulos das notícias poderá ser vista com maior detalhe no final deste artigo onde se apresenta uma listagem de artigos de jornal integrantes da análise.

<sup>73</sup> WACQUANT, 2000: 1. Aliás, este mesmo autor salienta que essa apelidação e designação desses espaços se encontra generalizada por toda a Europa desde há cerca de uma década.

avelmente ao facto de que a cristalização da imagem dos bairros é fundada em ocorrências negativas (tais como, o tráfico de drogas, por exemplo), levando a que se edifiquem como espaços estigmatizados, potenciando a sua cada vez maior ruptura com a cidade «normal», identificando negativamente os seus moradores, levando à perda de auto-estima colectiva e ao conseqüente agravamento reprodutivo da situação.

Importa, pois, reconhecer que os bairros urbanos se assumem privilegiadamente como o «topos do perigo»<sup>74</sup>, na medida em que se afiguram como locais de transgressão estética (locais de degradação do espaço construído e da sua envolvente, de qualidade de construção duvidosa, etc.), mas também, de transgressão ética (habitados por populações desviantes, caracterizados por famílias desagregadas, por índices de insucesso escolar e profissional muito elevados, por práticas de economia subterrânea, pela delinquência juvenil, etc.).

Por outro lado, este reconhecimento social leva à constituição de um estigma que conduz à percepção de que os bairros são todos iguais e são todos «espaços perigosos». Esta etiquetagem é constituída por dois processos paralelos: a redução cognitiva e o evitamento espacial<sup>75</sup>. Através da redução cognitiva, os actores sociais elaboram um mapa orientativo acerca dos espaços de insegurança e das actividades desviantes a esses associadas através do estereotipo que tem na base o rumor enquanto alavanca fulcral de transmissão da informação mediática.

Por via do evitamento experiencial, os actores sociais não conhecem, nem passam pelos «topos do perigo», o que inclusivamente é facilitado pela própria topografia da cidade, na medida em que não é necessário passar ou frequentar os bairros para a prossecução de um quotidiano.

No que concerne às técnicas de análise dos dados, esse material foi sujeito a uma análise de conteúdo temática porque “rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos”<sup>76</sup>. A construção das categorias foi fundamentada nas áreas temáticas que estruturavam os conteúdos das notícias. De assinalar que o “uso destas técnicas pode representar uma ajuda fundamental na fase de interpretação dos dados, e permite com frequência gerar evidências decisivas para as inferências teóricas que são o propósito e o objectivo fundamental da investigação”<sup>77</sup>. Concomitantemente, poderemos dizer que as inferências que potencialmente se podem extrair por via da análise de conteúdo são vastíssimas e idênticas às que derivam do uso de outras técnicas de recolha e de tratamento de informação.

### **Enunciação dos «cenários de insegurança»**

Relativamente à análise categorial das notícias procedemos à identificação de cinco temáticas fundamentais de interpretação e análise das notícias, considerando que “a codificação não é mais do que o facto de se simplificar reduzindo o número de dados a um número menor de classes ou categorias”<sup>78</sup>, seguindo de perto a necessidade de efectuar um

<sup>74</sup> Segundo a expressão de FERNANDES, 1994: 11-27.

<sup>75</sup> Com base na terminologia de FERNANDES, 1994: 122-123.

<sup>76</sup> BARDIN, 1995: 153.

<sup>77</sup> NAVARRO e DIAZ, 1994: 195.

<sup>78</sup> OLABUÉNAGA e ISPIZUA, 1989: 196.

exercício pautado pela precisão, consistência, fiabilidade e validade no concernente à escolha de categorias. A primeira linha de recolha temática deteve-se no que consideramos serem *questões políticas*. Assim, e dentro desta categorização, englobamos todas as notícias que remetessem para iniciativas em prol da requalificação das vivências nos bairros e que emanavam de orientações e estratégias políticas definidas pelo poder central, poder local, comunidade europeia, associações, instituições particulares de solidariedade social e sociedade civil em geral. Particularizando, as questões políticas referem-se a conteúdos relacionados com a política habitacional autárquica (demolição de habitação degradada), a política de realojamento, a alienação do património habitacional da autarquia (venda do edificado de natureza social aos moradores), os programas de prevenção da criminalidade e inserção de jovens, as políticas de segurança e de policiamento de âmbito local e central, as políticas de requalificação do espaço habitacional, os programas de prevenção da criminalidade e de inserção de jovens, as políticas de construção de habitação de natureza social, a criação de infra-estruturas e de serviços de apoio aos bairros, etc<sup>79</sup>. Em suma, poderemos dizer que as iniciativas têm sempre um enquadramento institucional exógeno, não emanam de iniciativas e vontades dos próprios moradores.

Outras notícias foram associadas categorialmente a *questões sociais*. Estas identificam sobretudo problemas, actividades e actores que têm nos bairros a sua origem. Poderemos dizer que a sua matriz mais comum de enunciação se relaciona com problemas de degradação do parque habitacional (condições de higiene e de salubridade); problemas de realojamento e de desenraizamento face ao espaço habitacional; problemas de insegurança; problemas de higiene; problemas de saúde pública; actividades associativas em prol da defesa dos bairros e da resolução dos seus problemas; dinâmicas de inserção social e urbana; instituições particulares de solidariedade social e prevenção e requalificação das sociabilidades e da qualidade de vida; más acessibilidades e condições de mobilidade intra e extra bairro, etc<sup>80</sup>...

Outra forma de categorização centrou-se nos *comportamentos desviantes*. Assim,

<sup>79</sup> Alguns exemplos deste tipo de notícias são: BARROS, Mário, 30 de Dezembro de 2000- *Ninho de associações inaugurado na Sé do Porto*, in “Público”; CAMPOS, Alexandra, 4 de Junho de 2000- *Uma mini-esquadra no interior da Sé*, in “Público”; FREITAS, Andrea Cunha, 18 de Julho de 2000- *Cinema no Bairro do Regado*, in “Público”; FREITAS, Andrea Cunha, 15 de Novembro de 2000- *Demolição de barracas no Bairro do Laranjo, em Ramalde. ‘Mais uma limpeza!...’*, in “Público”; FREITAS, Andrea Cunha, 14 de Março de 2001- *Realojamento de Parceria e Antunes vigiado por comissão*, in “Público”; GOMES, Catarina, 29 de Abril de 2000- *Aleixo com futuro incerto*, in “Público”; GOMES, Catarina, 7 de Outubro de 2000- *Interromper o caminho da marginalidade*, in “Público”; GOMES, Margarida, 30 de Julho de 1999- *Bairro de Parceria e Antunes vai abaixo*, in “Público”; GOMES, Margarida, 31 de Março de 2000- *Câmara do Porto pretende demolir bairros degradados*, in “Público”; GOMES, Margarida, 27 de Março de 2001- *Mais quatro famílias desalojadas na Sé*, in “Público”; GOMES, Margarida, 8 de Dezembro de 1999- *Moradores de Parceria e Antunes com realojamentos a curto prazo*, in “Público”; LARANJO, Tânia, 26 de Outubro de 1999- *Bairro do Lagarteiro já não tem barracas*, in “Jornal de Notícias”; LUZ, Carla Sofia, 25 de Janeiro de 2000- *Cardoso tem mês e meio para dar animação à Sé*, in “Jornal de Notícias”.

<sup>80</sup> Alguns exemplos deste tipo de notícias são: PEREIRA, Ana Cristina, 7 de Abril de 2000- *Bairro do Aleixo revoltado*, in “Público”; PEREIRA, Ana Cristina, 7 de Fevereiro de 2001- *Bairro do Leal sem condições mínimas de higiene*, in “Público”; PEREIRA, Ana Cristina, 23 de Outubro de 2000- *Está tudo podre!*, in “Público”; PEREIRA, Ana Cristina, 26 de Março de 2000- *Mais limpeza e policiamento*, in “Público”; PEREIRA, Ana Cristina, 22 de Outubro de 2000- *Operação stop na Pasteleira-Sul*, in “Público”; PEREIRA, Ana Cristina, 16 de Maio de 2001- *Rio ouviu queixas no Bairro do Aleixo*, in “Público”; PEREIRA, Ana Cristina, 24 de Fevereiro de 2000- *Uma história de muito afecto*, in “Público”; FREITAS, Andrea Cunha, 28 de Outubro de 2000- *Ação de sensibilização no dia do planeamento familiar*, in “Público”; FREITAS, Andrea Cunha, 18 de Julho de 2000- *Cinema no Bairro do Regado*, in “Público”; FREITAS, Andrea Cunha, 9 de Janeiro de 2001- *Desalojados entre o sonho e o pesadelo*, in “Público”.

os comportamentos desviantes integram: a delinquência juvenil em bairros sociais (desinteresse face à escola e face ao mercado de trabalho, práticas de violência e negligência nas relações pais/filhos); o tráfico, consumo, posse de estupefacientes; os assaltos; as agressões que envolvem as forças policiais e outros agentes sociais; os homicídios provocados pela intervenção policial e por outro tipo de problemas (brigas entre alguns indivíduos); as detenções de alguns indivíduos pela posse, tráfico, consumo de estupefacientes; por agressões, assaltos ou homicídios<sup>81</sup>. De referir que esta categoria apela sobretudo aos bairros e seus moradores como contextos e agentes de práticas de transgressão normativa face à cidade e sociedade. Importa referir, também, as *questões jurídicas* que se referem sobretudo ao curso de processos em tribunal e seus procedimentos e a *outras questões* recensadas relevam para: incêndios ocorridos em bairros sociais, intempéries, ocupação de casas, publicações acerca dos bairros, problemas de estacionamento, questões históricas, etc<sup>82</sup>.

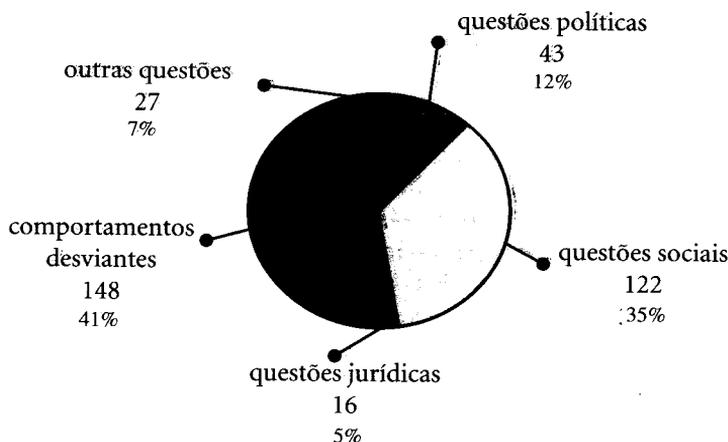
Tal como poderemos constatar os comportamentos desviantes (41%) e as questões sociais (35%) são as categorias temáticas que mais se associam aos bairros sociais da cidade. Esta distribuição categorial vai de encontro às formulações que fazem equivaler a estes espaços uma representação de pendor desvalorizante e negativo, reforçando a convicção da validade das abordagens teóricas desenvolvidas e apresentadas anteriormente.

Não será despidendo observar ainda a particular ênfase que o Jornal de Notícias atribui à categoria comportamentos desviantes, acentuando, particularizadamente nos seus discursos a importância dos bairros como «topos do medo», dos perigos e da insegurança. Aliás, neste jornal diário é particularmente importante a seguinte lógica denunciada por H.-P. Jeudy: partindo do registo de um acontecimento agressivo vivido, percebido ou antecipado, o discurso da insegurança transforma-se rapidamente em expressão de uma doença social mais profunda e no inventário das condições morais, políticas e económicas que seriam responsáveis<sup>83</sup>.

<sup>81</sup> Alguns exemplos deste tipo de notícias são: S/A., 22 de Janeiro de 2000- *Brigadas da PSP estiveram no Cerco*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 11 de Maio de 2000- *Cadáver no S. João de Deus*, in "Público"; S/A., 29 de Julho de 2000- *Calamidade!*, in "Público"; S/A., 15 de Fevereiro de 2001- *Cinco detenções em Francos*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 10 de Agosto de 2000- *Cinco detidos no Lagarteiro por tráfico de droga*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 16 de Junho de 2000- *Confrontos entre Polícia e populares no Bairro da Sé*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 15 de Outubro de 1999- *Criança violenta lança pânico na primária do Lagarteiro*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 30 de Julho de 1999- *Detido por posse de cocaína no Bairro do Cerco*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 24 de Outubro de 2000- *Detidos com droga no Cerco e em S. João de Deus*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 4 de Outubro de 2000- *Detidos com heroína e cocaína*, in "Jornal de Notícias"; S/A., 5 de Janeiro de 2000- *Drácula no bairro portuense das Campinas*, in "Público"; S/A., 19 de Maio de 1999- *Droga Operação policial apanhou 400 doses*, in "Público"; S/A., 10 de Setembro de 1999- *Duas mulheres detidas no Bairro do Lagarteiro*, in "Jornal de Notícias".

<sup>82</sup> Alguns exemplos deste tipo de notícias são: CAMPOS, Alexandra e MESQUITA, António Arnaldo, 1 de Setembro de 2000- *Caso da morte de toxicod dependente no Bairro do Cerco. Nove polícias sob alçada disciplinar*, in "Público"; VILAS, Jorge, 12 de Julho de 2000- *Telma deixa Aldoar em estado de sítio*, in "Jornal de Notícias"; BOTELHO, Leonete, 19 de Outubro de 2000- *Francisco Louçã critica desfecho do caso de Aldoar*, in "Público"; BOTELHO, Leonete, 1 de Novembro de 2000- *Polícias cumpriram a lei*, in "Público"; BOTELHO, Leonete, 14 de Outubro de 2000- *Polícias ilibados do crime de Aldoar*, in "Público"; GARCIA, Liliana, 19 de Março de 2001- *Estacionamento caótico no Bairro de S. Tomé*, in "Público"; PINTO, Luísa, 27 de Maio de 1999- *O incêndio de Aldoar não foi só um acidente*, in "Público"; VITORINO, Manuel, 8 de Janeiro de 2001- *Pingos de ilegalidade no super da Pasteleira*, in "Jornal de Notícias"; PINTO, Reis, 25 de Novembro de 1999- *Bairro de S. Tomé inundado de carros*, in "Jornal de Notícias"; PINTO, Reis, 23 de Maio de 1999- *Ocupação selvagem no Bairro de Aldoar*, in "Jornal de Notícias"; SIZA, Rita, 24 de Janeiro de 2000- *Trânsito caótico afecta Bairro de S. Tomé*, in "Público".

**GRÁFICO 1 - Principais temáticas associadas às referências aos bairros sociais da cidade do Porto (Jornal de Notícias e Jornal Público)<sup>84</sup>**



Quando desagregamos a temática comportamentos desviantes num conjunto de sub-temáticas específicas (homicídios, agressões, assaltos, posse de droga, consumo de droga, tráfico de droga, delinquência juvenil, problemas de saúde pública, conflitos com a polícia, etc.), podemos constatar a importância das referências à posse e tráfico de droga. Esta ênfase vai de encontro de facto à imagem publicamente construída e assimilada de que os bairros são locais de droga, particularmente, de transacção e fornecimento de substâncias psicotrópicas à sociedade envolvente. Estas imagens descuram por um lado, o facto de que a droga não é exclusivamente um negócio do bairro, mas também, e em particular, a importância da naturalização de actividades ligadas ao tráfico de droga no interior dos bairros, na medida em que esta surge como uma das poucas alternativas possíveis de obtenção de dividendos económicos. Indo mais longe, poderemos mesmo dizer com M. Chaves que são operadas técnicas de neutralização, por parte dos próprios moradores, que permitem a existência de uma consciência discursiva de validação e de justificação do próprio tráfico<sup>85</sup>.

Será também importante considerarmos que os relatos mediáticos acabam por cristalizar um imaginário social acerca dos bairros, pautado por uma representação negativa, toldada por sentimentos de medo e de insegurança. Este imaginário assume-se como elemento determinante no estabelecimento das relações dos espaços estigmatizados com a cidade no seu todo, provocando relativamente aos bairros “a sua ruptura com a cidade normativa, a homogeneização dos habitantes sob a etiqueta negativa, a perda de auto-estima colectiva e o conseqüente agravamento da situação”<sup>86</sup>. Enfim, estamos perante a (re)construção de lugares marginais, fora dos limites da normalidade e cujo respeitável

<sup>83</sup> JEUDY, 1983 : 40.

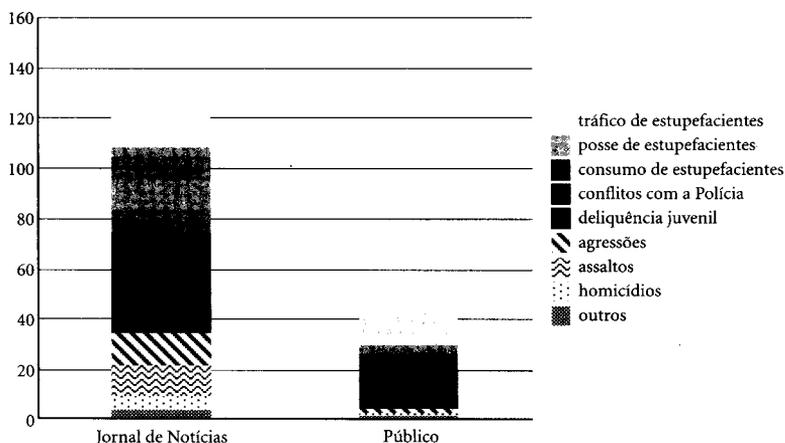
<sup>84</sup> O número de temáticas é superior ao número de artigos encontrados, em virtude de alguns destes terem sido incluídos em mais do que uma temática.

<sup>85</sup> Cf. CHAVES, 2000: 921- 922.

<sup>86</sup> Cf. FERNANDES, 1998: 75.

cidadão comum deverá evitar contactar seja sob que pretexto, ou como bem refere C. da Agra, “os espaços desviantes são territórios retirados da visibilidade da vida quotidiana normal dos grandes aglomerados”<sup>87</sup>.

**GRÁFICO 2 - Tipificação da temática “comportamentos desviantes” associada aos bairros sociais da cidade do Porto\* (Jornal de Notícias e Jornal Público)<sup>88</sup>**



Ao prosseguirmos a nossa análise, e tendo em linha de conta a distribuição das temáticas por bairros sociais da cidade do Porto, tornou-se notória a associação de determinados bairros à prática de comportamentos desviantes. Assim, o Bairro S. João de Deus, o Bairro do Cerco do Porto e o Bairro de Aldoar são mais frequentemente associados ao delito do que os outros. Desta feita, dentro do tecido urbano, é possível destacar alguns lugares reconhecidos socialmente pela sua «má fama» ou «má reputação», uma territorialidade particular de insegurança, o que tem vindo a sustentar a crescente degradação dos referidos bairros, sendo mesmo de assinalar um círculo vicioso de degradação social e física, em relação ao qual muito contribuiu a importância da «máquina mediática» de construção do medo ao longo da última década na cidade do Porto. Mais uma vez convém reiterar que: “a ligação entre o sentimento de insegurança e a violência objectiva é geralmente muito fraca. Só existe de forma muito rara uma relação directa entre o medo da agressão, uma angústia difusa e a violência vivida por si mesmo e pelos seus próximos”<sup>89</sup>.

De forma complementar, também poderemos asseverar que os bairros sociais têm sido entendidos e lidos ao longo dos tempos como «locais perigosos», e mais do que isso, como estando fora dos limites físicos e sociais da cidade, até porque os seus

<sup>87</sup> AGRA, 1998: 39.

<sup>88</sup> O número de sub-temáticas associadas ao “comportamento desviante” é superior ao número de referências à temática propriamente dita, na medida em que os artigos de referência incluem, por vezes, várias sub-temáticas associadas a uma única temática; neste caso, comportamentos desviantes.

<sup>89</sup> DUPREZ e HEDLI, 1992: 75.

moradores também partilhavam essa condição de *outsiders*. Tal como salienta S. Body-Gendrot, “este procedimento de exteriorização simbólica das populações não conformes alimenta um medo social suficiente para alertar as instâncias políticas e administrativas encarregadas da paz civil e social.”<sup>90</sup> Estas representações atestam o facto de a cidade ser um produto de lógicas segregativas, fazendo corresponder as «doenças sociais» aos bairros degradados e periféricos (porque tornados invisíveis)<sup>91</sup>.

GRÁFICO 3 - Distribuição das temáticas por bairros sociais da cidade do Porto (Jornal de Notícias e Jornal Público)<sup>92</sup>

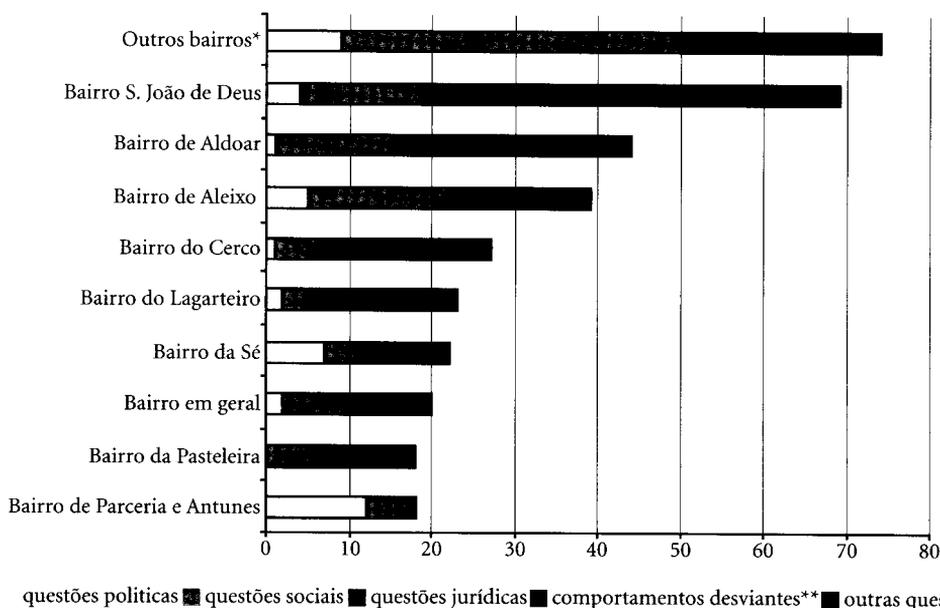


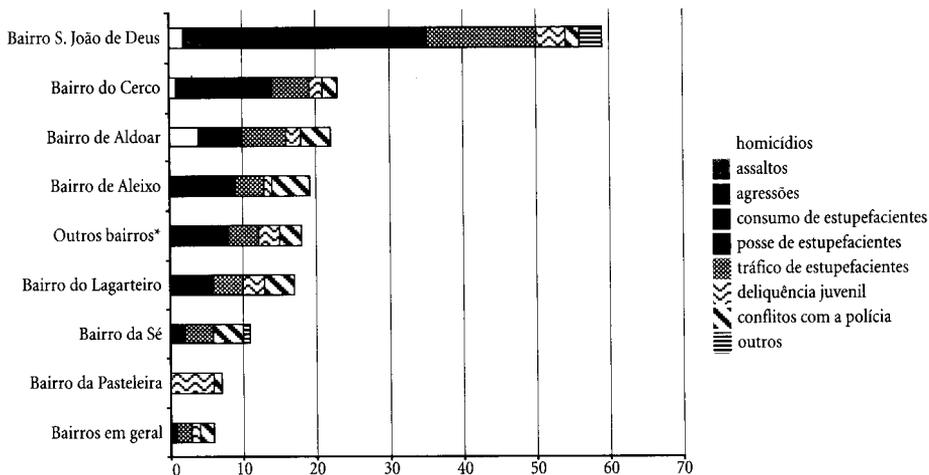
GRÁFICO 4 - Distribuição da sub-temática “comportamentos desviantes” por bair-

<sup>90</sup> BODY-GENDROT, 2000: 194.

<sup>91</sup> Cf. LOUBIERE, 2000.

<sup>92</sup> Esta Categoria abrange os seguintes bairros: Bairro das Condominhas, Bairro do Laranjo, Bairro da Bouça, Bairro das Campinas, Bairro do Regado, Bairro de Francos, Bairro do Leal, Bairro da Tapada, Bairro das Fontainhas, Bairro do Viso, Bairro Rainha D. Leonor, Bairro da Fonte da Moura, Bairro de S. Tomé, Bairro Eng. Machado Vaz, Bairro do Outeiro, Bairro Herculano, Bairro Pinheiro da Fonseca, Bairro de S. Roque, Bairro Agra do Amial e Bairro Leonardo Coimbra, Bairro do Bom Sucesso, Bairro de Francos, Bairro das Fontainhas, Bairro de Fernão de Magalhães, Bairro de Ramalde, Bairro do Viso, Bairro da Providência, Bairro de Vilar e Bairro Pinheiro Torres.

O somatório de “comportamentos desviantes” reportado aos bairros é superior na medida em que um mesmo comportamento desviante referido se associa a mais do que um bairro.

ros sociais da cidade do Porto (Jornal de Notícias e Jornal Público)<sup>93</sup>

## Exercício de aplicação

Tendo em vista uma maior clarificação dos pressupostos de S. Cohen e do interacionismo simbólico, iremos proceder, de seguida, a uma ilustração particularizada em extractos de alguns artigos que compõem o nosso *corpus* de análise.

**Exemplo 1: Jornal Público, 14 de Janeiro de 2000- Da próxima vez há mortes...?Rusga' e pancadaria no Bairro S. João de Deus.**

Trata-se de uma notícia acerca de uma rusga policial no Bairro S. João de Deus que resultou em incidentes com os moradores. Aqui está bem patente o que S. Cohen designa de *prognóstico*. O título da notícia remete para a ideia de que a situação de conflito e violência *irá ocorrer novamente*, o que deixa o leitor com um sentimento de insegurança. Outro aspecto é que a notícia aborda o acontecimento como se ele fosse *novo*, isto é, como se a situação nunca tivesse sido tão trágica como foi naquele dia, e isto desperta mais atenção no leitor, *sensibilizando-o* e levando-o a estar mais atento às situações de violência nos bairros. Isto é patente na seguinte expressão retirada da notícia: “*Nunca vi nada assim: desataram a bater em toda a gente, sem olhar a velhos, mulheres e crianças?*”. Por outro lado, poderemos constatar que existe uma associação a outra realidade espacial e social, já estigmatizada no quadro das representações colectivas, aumentando a percepção negativa sobre o bairro em questão: “*...naquele bairro, uma espécie de ‘Casal Ventoso’ do Porto, frequentado diariamente por centenas de toxicodependentes que ali vão comprar a sua dose diária?*”.

<sup>93</sup> Incluem-se nesta categoria os seguintes bairros: Bairro de Francos, Bairro Eng. Machado Vaz, Bairro de S. Tomé, Bairro do Regado, Bairro Pinheiro Torres, Bairro Rainha D. Leonor, Bairro da Tapada, Bairro Leonardo Coimbra e Bairro das Campinas.

**Exemplo 2: Jornal Público, 26 de Novembro de 2000- “Mulher morre em Rusga na Sé.”**

Face a este título podemos considerar que a referida mulher teria morrido devido a violência policial ou devido a confrontos com a policia, mas, no entanto, durante a notícia é referido que a mulher morreu de *overdose*. A utilização de títulos como este, que de certa forma, não ilustram bem o conteúdo da notícia, é uma forma de manipular e enganar o leitor: “*de acordo com fonte do INEM, a vítima terá engolido 70 pacotes de droga. Os médicos levantam a hipótese de a droga lhe ter explodido no estômago. Na Sé, há quem arrisque afirmar que ‘o que ela queria era morrer’.*”

**Exemplo 3: Jornal Público, 27 de Dezembro de 1999- “Siga, o rei da pasteleira.”**

Reportagem acerca um jovem do bairro da Pasteleira que aos 15 anos já tinha um vasto percurso criminal. Este é o exemplo mais flagrante de como os *media conseguem produzir mitos*. Através da notícia foi associada ao jovem toda uma imagem de delinquência, distúrbios, utilizando-se expressões como o miúdo com “*cara de anjo e alma de diabo*”. A notícia transmite a noção de que estamos perante um *caso perdido*, em que nada mais há a fazer e para suportar esta ideia o repórter cita o pai do jovem que re-fere que se ele morresse “*...isso o deixaria aliviado. Que futuro é que ele tem?*” Toda a reportagem via contando as proezas e façanhas do jovem, tornando-o num mito, numa referência: “*por regra, o ‘rei da Pasteleira’ rouba para satisfazer as suas necessidades de delinquente, mas, muitas vezes, fá-lo para se divertir*”.

**Exemplo 4: Jornal Público, 29 de Setembro de 1999- “Bairro de Aldoar parece o Casal Ventoso.”**

Este título remete para uma ligação com outra realidade já estigmatizada e rotulada, o que torna o próprio bairro vulnerável a processos mais rápidos de *estigmatização*, sendo de assinalar também, a questão da *prognóstico: (expressões dos moradores)* “*Isto está péssimo e só tem tendência a piorar e os homens mais importantes desta freguesia e as forças políticas ou são cegas ou não querem ver o que se passa*”; *(expressões dos jornalistas)* “*A mesma responsável traçava, depois, um quadro deprimente, relatando histórias de crianças a segurar os braços dos pais enquanto estes se injectam, famílias que gastam em droga o rendimento mínimo garantido no mesmo dia em que o recebem, casas atulhadas em lixo, assaltos sucessivos ‘a moradores e a pessoas de fora’.*”

É necessário admitir que estamos perante um relato que descreve o bairro como espaço de *desorganização social*, isto é, um *locus de «guerra»* de todos contra todos, descurando lógicas e estratégias de acção dos actores sociais que vivem nesses locais, sendo obviamente portadores de *reflexibilidade*. Estes discursos limitam-se a reproduzir a imagem do «caos urbano», não admitindo uma acção estratégica por parte dos moradores. A própria *toxicodependência* e seu tráfico é retratada dentro de uma lógica de anomia, fazendo com que o leitor percepcione esses espaços com um sentimento de insegurança cada vez mais profundo.

Esta enunciação contribui para piorar a percepção que as pessoas têm do bairro. Para além disso existe também presente na notícia a questão de tornar o evento em algo com características novas e por isso mais preocupantes, tal como S. Cohen referia (“*Isto está pior do que nunca*”). Há ainda a intenção de associar o bairro a uma *imagem negativa*: “*Além da degradação física dos edifícios e jardins, existe o constante vaivém de toxicodependentes...*”

### Exemplo 5: Jornal de Notícias, 15 de Maio de 2001- “Escolas do crime.”

Reportagem sobre os jovens que moram nos bairros sociais do Porto. O título é bastante estigmatizante no tocante aos jovens que habitam esses espaços. Para além disso, a notícia tende a conceber uma imagem de alguns jovens que foram inquiridos e transportá-la para todos os jovens dos bairros. A imagem criada é bastante depreciativa e exagerada: *“Os rostos, esses, são patibulares: olhar desconfiado, vidrado, dentes podres, cabelos e corpos que são lavados quando calha... parece que muitos já encomendaram o caixão”*. No curso do relato, recorre-se com frequência à utilização de expressões que pretendem conferir aos bairros uma imagem especialmente degradante e aos jovens dos mesmos é colada uma imagem de violência, também, aqui as palavras adquiriram um poder simbólico: *“Janelas partidas, paredes pinhadas, quantidades industriais de lixo no chão, animais mortos no meio das passagens”*; *“Do bairro de S. João de Deus, mais um dos nossos guetos, temos a sensação que se concentra toda a miséria da humanidade”*; *“...pobreza extrema”*; *“assistir a uma aula prática deles é esperar, a qualquer momento que rebente um foco de agressividade.”* Assim, trata-se de um conjunto de expressões que criam uma panóplia de símbolos em torno dos bairros e que permitem a sensibilização, referida por S. Cohen, das pessoas para esta alegada realidade, alertando-as, avisando-as da violência e miséria que caracteriza os bairros. Para além disso, ao entrevistar os jovens do bairro o jornalista ajuda os jovens do bairro e o próprio bairro a tornar-se um mito de um lugar impenetrável, de uma realidade à parte: *“A um do Contumil deilhe com um taco na cabeça e ele desmaiou logo. Qualquer um do Tarrafal que entre aqui já não sai. Até a bófia tem medo de nós. Aqui só entra de caçadeira”*. Esta expressão demonstra também um certo *exagero* que surge como resultado do jovem saber que muita gente vai ler o que disse. Tal como Cohen refere, os *media* podem ter o efeito de levar os entrevistados a *exagerar devido* à exposição que têm.

### Exemplo 6: Jornal de Notícias, 12 de Fevereiro de 2001- “Bairro acordou ao som de tiros.”

Aborda-se, neste caso, um desentendimento entre duas famílias do Bairro S. João de Deus. A certa altura o jornalista refere que: *“...como é normal, nestes casos ninguém apresentou queixa contra ninguém. O que indica que os problemas (a existirem) vão ser resolvidos da mesma maneira: com violência”*. Parece mais uma vez haver aqui o elemento da *prognóstico* que em situações destas apenas serve para prejudicar. Para além disso, o próprio jornalista tem já um conjunto de símbolos acerca desta realidade, os quais tenta passar para o leitor: *“...tendo em conta o bairro em questão (uma das maiores fontes de fornecimento de droga do porto), o incidente só pode ter duas explicações: (...) ou foi um problema de relações sentimentais ou de questões relacionadas com o tráfico de estupefacientes”*.

### Exemplo 7: Jornal de Notícias, 15 de Outubro de 1999- “Criança violenta lança pânico na primária do Lagarteiro.”

O título parece primar pelo *exagero* através, principalmente, pela utilização da palavra *pânico* associada a ameaças feitas a funcionárias e colegas por uma criança de 10 anos: *“Ameaçou agredir professores e colegas, com um bastão de basebol, depois de (...) Ter aparecido (...) munido de uma serra, com 60 centímetros de lâmina”*. Esta notícia pretende dar a ideia de que estamos perante uma criança muito violenta, capaz de assustar todas as pessoas da escola, e isto constitui um *exagero* que influencia os leitores.

**Exemplo 8: Jornal de Notícias, 15 de Outubro de 2000- “Esfaqueado na rua por um assaltante: Vítima golpeada três vezes em Aldoar.”**

Mais uma vez, estamos face a um título que induz uma associação entre um bairro social e um acto desviante que não teve lugar no bairro: “*Um desempregado de 28 anos, acabou no hospital depois de ter sido esfaqueado e assaltado, junto à igreja de Aldoar.*” Para além disso, a notícia pretende reforçar os sentimentos de insegurança através de expressões como: “*Os roubos violentos, praticados por ladrões armados, continuam em alta nas ruas do Porto*”.

**Exemplo 9: Jornal de Notícias, 11 de Setembro de 1999- “Nove detenções por droga no bairro de S. João de Deus.”**

O jornalista tenta demonstrar que as detenções não foram fáceis devido à agressividade dos suspeitos e da própria população local: “*No decurso da operação, os agentes dispararam cinco tiros para o ar e viram-se na necessidade de fazer uso da força para intimidar os implicados*”; “*O aparato da intervenção policial levou a uma grande aglomeração de populares, o que levou mesmo as forças de PSP a procederem à detenção de um indivíduo, por obstruir a operação.*”

## PISTAS CONCLUSIVAS

“*A televisão (muito mais que os jornais) propõe uma visão cada vez mais despolitizada, asséptica, incolor, do mundo, e arrasta cada vez mais os jornais na sua esteira, rumo à demagogia e à submissão às imposições comerciais.*”

Pierre Bourdieu, *Contrafogos*, 1998

Uma das conclusões mais marcantes que poderemos retirar do curso do desenvolvimento desta análise tem a ver com a necessidade de retirar das representações comuns a perspectiva de que os comportamentos desviantes são derivados de condições patológicas presentes nos indivíduos. De outra forma, devem ser entendidos como um constructo social, como um prolongamento do processo de interacção simbólica que decorre nos quadros de interacção em que os actores se movem. Ainda que dissimuladamente, as representações sociais acerca do desvio decorrem irrefutavelmente da vivência social e das sucessivas classificações que os actores realizam no decorrer dos seus quotidianos. Verifica-se, portanto, uma pertinência analítica do interaccionismo enquanto paradigma de análise e de interpretação do desvio. Essas virtualidades não nos poderão fazer esquecer algumas limitações do paradigma enquanto matriz explicativa do desvio. Assim, não existe uma referência por parte desta corrente ao facto de que a atribuição de rótulos poderá depender das diferenças e desigualdades de partida presentes nas diferentes trajectórias dos actores sociais e que apelam a uma leitura mais estruturalista da realidade social, sem a qual, muitas das análises poderão ser marcadas por um certo simplismo de abordagem.

A perspectiva defendida por S. Cohen, permite-nos traçar um quadro analítico consistente acerca da construção mediática dos «problemas sociais», sendo, contudo, importante não descurar a importância da sua ligação a uma vinculação teórica que acentue as diferenciações e as desigualdades sociais. Esta ligação parece ter vindo a ganhar con-

sistência por parte de alguns autores, dentre os quais, destacamos, Pierre Bourdieu, Patrick Champagne e Loic Wacquant, pela ênfase que têm dado ao campo social como sendo estruturado por relações de força entre dominantes e dominados, estabelecendo-se relações de desigualdade contínuas e permanentes.

Dentro de uma leitura renovada do interaccionismo e da abordagem de S. Cohen, podemos considerar que uma cidade se apresenta como um conjunto descontínuo de espaços, sobretudo, e por via das representações mediáticas, os actores sociais da normatividade tendem a representar os espaços da habitação social como «perigosos», vividos e percebidos como inseguros. Desta feita, nasce uma representatividade da insegurança, vivida no imaginário colectivo como um permanente possível. Radica neste sentimento, o crescente prognóstico de actos violentos, a busca desenfreada de comportamentos securizantes, o aumento do medo e a constituição de estereótipos que se alimentam de rumores. Este universo representativo será determinante na configuração das relações sociais estabelecidas em espaço urbano, mediando, desta forma, atitudes, valores e crenças. Ainda poderíamos dizer que todo o discurso e cenarização da insegurança, se enquadra nas palavras de H.-P. Jeudy: "(...) o sentimento de insegurança encontra-se desestabilizado: se permanece como a manifestação mais indefinida dos medos e dos descontentamentos, as razões da sua aparição podem ser enunciadas segundo enquadramentos lógicos (a precariedade, o aumento da delinquência, a droga, o terrorismo, ...), mas nada explicam: nem a legitimidade dos mecanismos de prevenção e de repressão, nem a compreensão das origens do seu desenvolvimento"<sup>93</sup>. Tal levar-nos-á a inferir acerca do carácter vazio e sem conteúdo dos discursos acerca dos «bairros maus» como locais inseguros.

Por fim, não gostaríamos de terminar este artigo sem deixar de salientar a urgência do trabalho de desmontagem do «rótulo» de habitante de um bairro social, evidenciando que se trata de uma categoria social multiforme e complexa, evitando, deste modo, a manutenção das condições de desacreditados e de desacreditáveis para esses actores, reformulando os universos simbólicos de representações sociais, que têm vindo a servir, tão somente, para a amplificação e reprodução em escalada dos estigmas e dos desvios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

- AGRA, Cândido da, 1998- *Entre Droga e Crime. Actores, Espaços, Trajectórias*, Lisboa, Editorial Notícias, p. 39.
- BARDIN, Laurence, 1995- *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, p. 153.
- BECKER, Howard S., 1985- *Outsiders. Études de la Sociologie de la Déviance*, Paris, Éditions A. M. Métailié,.
- BOURDIEU, Pierre (dir.), 1993- *La Misère du Monde*, Paris, Éditions du Seuil.
- BOURDIEU, Pierre, 1998- *Contrafogos*, Oeiras, Celta Editora.
- BOURDIEU, Pierre, 1996- *Lição Sobre a Lição*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas.
- BOURDIEU, Pierre, 1997- *Sobre a Televisão*, Oeiras, Celta Editora.
- CHAMPAGNE, Patrick e Outros, 1998- *Iniciação à Prática Sociológica*, S. Paulo, Editora Vozes.
- COHEN, Stanley, 1980- *Folk Devils & Moral Panics. The Creation of the Mods and Rockers*, Londres, Basil Blackwell.
- CORCUFF, Philippe, 1997- *As Novas Sociologias*, Sintra, VRAL.
- DUPREZ, Dominique ; HEDLI, Mahieddine, 1992- *Le Mal des Banlieus? Sentiment d'Insécurité et Crise Identitaire*, Paris, Editions L'Harmattan.
- FERNANDES, Luís, 1998- *O Sítio das Drogas - Etnografia das drogas numa periferia urbana*, Lisboa, Editorial Notícias.
- GIDDENS, Anthony, 2000- *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

<sup>93</sup> Henri-Pierre Jeudy, *A Sociedade Transbordante*, Lisboa, Edições Século XXI, 1995, pp.36-37.

- VELHO, Gilberto (org.), 1974- *Desvio e Divergência. Uma Crítica da Patologia Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- GOFFMAN, Erving, 1992- *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- HABERMAS, Jurgen, 1984- *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro.
- HERPIN, Nicolas, 1982- *A Sociologia Americana. Escolas, Problemáticas e Práticas*, Porto, Edições Afrontamento.
- JEUDY, Henri-Pierre e Outros, 1983- *Imaginaires de l'Insecurité*, Paris, Librairie des Meridiens.
- JEUDY, Henri-Pierre, 1995- *A Sociedade Transbordante*, Lisboa, Edições Sécuro XXI.
- MATZA, David, 1969- *Becoming Deviant*, New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs.
- MOORE, Stephen, 1988- *Investigating Deviance*, Londres, Unwin Hyman.
- NAVARRO, Pablo; DIAZ, Capitolino, 1994- *Análisis de contenido*. "Métodos y Técnicas Cualitativas de Investigación en Ciencias Sociales", Madrid, Ed. Síntesis.
- OLABUÉNAGA, José Ignacio Ruiz; ISPIZUA, Maria Antonia, 1989- *La Descodificación de la Vida Cotidiana. Métodos de Investigación Cualitativa*, Bilbao, Universidad de Deusto.
- PAIS, José Machado, 1985- *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos Inícios do Século XX*, Lisboa, Editorial Quercus.
- PINTO, José Madureira, 1994- *Propostas para o Ensino das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.
- TRAUB, Stuart H.; LITTLE, Craig B., 1994- *Theories of Deviance*, Illinois, F.E. Peacock Publishers, Inc..
- WACQUANT, Loïc, 2000- *As Prisões da Miséria*, Oeiras, Celta Editora.
- XIBERRAS, Martine, 1996- *As Teorias da Exclusão. Para Uma Construção do Imaginário do Desvio*, Lisboa, Edições Instituto Piaget.

## Artigos

- BECKER, Howard S., 1994- *Career deviance*. "Theories of Deviance", Illinois, F.E. Peacock Publishers, Inc., pp. 303-310.
- BODY-GENDROT, 2000- Sophie, *Sécurité et insécurité dans la ville*. "La Ville et l'Urbain, l'État des Savoirs", Paris, Éditions La Découverte, pp. 194-201.
- CABRAL, João de Pina, 2000- *A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições*. "Análise Social", volume XXXIV, nº153, pp. 875-883.
- CHAMPAGNE, Patrick, 1993- *La vision médiatique*. "La Misère du Monde", Paris, Éditions du Seuil, pp. 61-79.
- CHAVES, Miguel, 2000- *Dar fuga: comunidade e sujeito num contexto de narcotráfico*. "Análise Social", volume XXXIV, nº153, pp. 921- 922.
- FERNANDES, Luís, 1994- *Topografia urbana do medor: «os espaços perigosos»*. "Revista do Ministério Público", nº59, pp. 11-27.
- GOLDWASSER, M. Júlia, 1974- *«Cria fama e deita-te na cama»: um estudo de estigmatização numa instituição total*. "Desvio e Divergência. Uma Crítica da Patologia Social", Rio de Janeiro, Zahar Editores, pp. 29-51.
- KACELNIK, Z., 1985- *A circunscisão numa família judia: um estudo de desvio social*. "Desvio e Divergência", Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- KITSUSE, J., 1962- *Societal reaction to deviant behaviour*. "Social Problems Journal".
- LEMERT, Edwin M., 1994- *Primary and secondary deviation*. "Theories of Deviance", Illinois, F.E. Peacock Publishers, Inc., pp. 298-303.
- LOUBIERE, Antoine, 2000- *La ville et les médias*. "La Ville et l'Urbain, l'État des Savoirs" Paris, Éditions La Découverte, pp. 202-211.
- VELHO, Gilberto, 1974- *O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social*. "Desvio e Divergência. Uma Crítica da Patologia Social", Rio de Janeiro, Zahar Editores, pp. 11-28.
- WACQUANT, Loïc J. D., 2000- *The zone*. "Cultura e Subjectividade. Saberes Nómades", São Paulo, Papyrus Editora, pp. 49-68.

## LISTAGEM DE ARTIGOS DE JORNAL INTEGRANTES DO CORPUS DE ANÁLISE

- ALVES, Virgínia, 14 de Dezembro de 2000- *Casas ameaçam derrocada*. “Jornal de Notícias”.
- ALVES, Virgínia, 19 de Janeiro de 2001- *Chuto de volta ao Bairro da Sé*. “Jornal de Notícias”.
- ALVES, Virgínia, 9 de Janeiro de 2001- *Marginais assustam moradores da Tapada*. “Jornal de Notícias”.
- ALVES, Virgínia, 9 de Janeiro de 2001- *Pais fecham escola e obtêm promessas de responsáveis*. “Jornal de Notícias”.
- ALVES, Virgínia, 27 de Março de 2000- *Sentimento de injustiça nos barracos do Laranjo*. “Jornal de Notícias”.
- ALVES, Virgínia, 6 de Novembro de 2000- *Uma refeição quente para idosos do Aleixo*. “Jornal de Notícias”.
- BARROS, Mário, 30 de Dezembro de 2000- *Ninho de associações inaugurado na Sé do Porto*. “Público”.
- BOTELHO, Leonete e CORREIA, Amílcar, 15 de Janeiro de 2000- *Duas mortes difíceis de explicar. Agentes da PSP são acusados pelos familiares das vítimas de lhes terem infligido agressões brutais*. “Público”.
- BOTELHO, Leonete e PINTO, Luísa, 14 de Janeiro de 2000- *Da próxima vez há mortes...’Rusga’ e pancadaria no Bairro S. João de Deus*. “Público”.
- BOTELHO, Leonete, 19 de Outubro de 2000- *Francisco Louçã critica desfecho do caso de Aldoar*. “Público”.
- BOTELHO, Leonete, 1 de Novembro de 2000- *Polícias cumpriram a lei*. “Público”.
- BOTELHO, Leonete, 14 de Outubro de 2000- *Polícias ilibados do crime de Aldoar*. “Público”.
- BRANCO, Sofia, 4 de Agosto de 1999- *Não tem cartão, não entra*. “Público”.
- CAMPOS, Alexandra e MESQUITA, 1 de Setembro de 2000- *António Arnaldo, Caso da morte de toxicodependente no Bairro do Cerco. Nove polícias sob alçada disciplinar*. “Público”.
- CAMPOS, Alexandra, 7 de Abril de 2000- *Polícia com má imagem. Estudos nos bairros portuenses da Sé e do Lagarteiro sobre o relacionamento das populações com a autoridade*. “Público”.
- CAMPOS, Alexandra, 4 de Junho de 2000- *Uma mini-esquadra no interior da Sé*. “Público”.
- CORDEIRO, José Manuel Lopes, 9 de Julho de 2000- *O Bairro do Vilar*. “Público”.
- CORDEIRO, José Manuel Lopes, 30 de Julho de 2000- *Os bairros do Estado Novo*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 28 de Outubro de 2000- *Ação de sensibilização no dia do planeamento familiar*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 18 de Julho de 2000- *Cinema no Bairro do Regado*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 15 de Novembro de 2000- *Demolição de barracas no Bairro do Laranjo, em Ramalde. ‘Mais uma limpeza!’*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 9 de Janeiro de 2001- *Desalojados entre o sonho e o pesadelo*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 9 de Janeiro de 2001- *Escola de Francos fechada para obras*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 8 de Dezembro de 2000- *Mau tempo desalojou 300 pessoas no Bairro da Tapada*.
- Freitas, Andrea Cunha, 14 de Março de 2001- *Realojamento de Parceria e Antunes vigiado por comissão*. “Público”.
- FREITAS, Andrea Cunha, 18 de Dezembro de 2000- *Um bairro esquecido*. “Público”.
- Garcia, Liliana, 19 de Março de 2001- *Estacionamento caótico no Bairro de S. Tomé*. “Público”.
- GARCIAS, Pedro 27 de Dezembro de 1999- *Siga, o rei da Pasteleira*. “Público”.
- GARCIAS, Pedro, 28 de Julho de 2000- *A história de uma tragédia anunciada*. “Público”.
- GOMES, Catarina, 29 de Abril de 2000- *Aleixo com futuro incerto*. “Público”.
- GOMES, Catarina, 7 de Outubro de 2000- *Interromper o caminho da marginalidade*. “Público”.
- GOMES, Margarida e SIZA, Rita, 4 de Novembro de 2000- *Demolições danificam Bairro nas Fontainhas*. “Público”.
- GOMES, Margarida, 30 de Julho de 1999- *Bairro de Parceria e Antunes vai abaixo*. “Público”.
- GOMES, Margarida, 31 de Março de 2000- *Câmara do Porto pretende demolir bairros degradados*. “Público”.
- GOMES, Margarida, 27 de Novembro de 2000- *Indemnizações irrisórias*. “Público”.
- GOMES, Margarida, 27 de Março de 2001- *Mais quatro famílias desalojadas na Sé*. “Público”.
- GOMES, Margarida, 8 de Dezembro de 1999- *Moradores de Parceria e Antunes com realojamentos a curto prazo*. “Público”.
- GOMES, Margarida, 29 de Outubro de 2000- *Pasteleira-Sul de novo na rua. Moradores arrancaram sinais de trânsito*. “Público”.
- NORTE, Helena, 26 de Março de 2001- *Polícia limpou S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 28 de Setembro de 2000- *Judiciária concluiu processo do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 7 de Julho de 2000- *Ameaçados de morte fugiram de Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 26 de Outubro de 1999- *Bairro do Lagarteiro já não tem barracas*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 5 de Abril de 2000- *Bairros não confiam nos polícias de rua*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 18 de Fevereiro de 2000- *Bairros sociais em pé de guerra com a Polícia*. “Jornal de Notícias”.

- LARANJO, Tânia, 8 de Setembro de 2000- *Caso de Aldoar tem novas testemunhas*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 29 de Agosto de 2000- *Crianças sentem orgulho da obra feita no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 25 de Março de 2000- *Dez polícias suspeitos de agressão no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 25 de Janeiro de 2000- *Droga e álcool mataram dois homens*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 31 de Maio de 2000- *Droga regressa à Sé e instala-se na Viela*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 12 de Agosto de 2000- *Heroína apreendida era para o Aleixo*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 13 de Setembro de 1999- *Idosa esfaqueada por jovem assaltante*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 4 de Abril de 2000- *Incêndio no Outeiro desalojou família*. “Jornal de Notícias”.
- Laranjo, Tânia, 28 de Setembro de 2000- *Judiciária conclui processo do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 20 de Outubro de 2000- *Operação da PSP acaba em cena de pancadaria*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 24 de Julho de 2000- *Polícia deitou a mão ao jovem Siga*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 12 de Junho de 2000- *Polícias indiciados por morte no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 15 de Abril de 2001- *Processo do Cerco em banho-maria*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 21 de Julho de 2000- *PSP capturou sete na posse de droga*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 14 de Fevereiro de 2000- *Rendimento mínimo desviado para droga*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 15 de Janeiro de 2000- *Rixa com polícia provocou um morto*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 28 de Julho de 2000- *Testemunha voltou a acusar polícias*. “Jornal de Notícias”.
- LARANJO, Tânia, 30 de Outubro de 1999- *Traficavam droga vinda de Espanha*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia e VITORINO, Manuel, 1 de Abril de 2000- *Moradores do Aleixo contestam demolição*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 7 de Fevereiro de 2001- *Barracas demolidas para limpar Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 10 de Maio de 1999- *Cada vez mais droga no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 25 de Janeiro de 2000- *Cardoso tem mês e meio para dar animação à Sé*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 17 de Julho de 2000- *“D. Leonor” esquecida pela Câmara*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 15 de Novembro de 2000- *Demolição põe fim ao bairro do Laranjo*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 9 de Fevereiro de 2000- *Drogas trazem SIDA ao S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 5 de Junho de 2000- *Famílias da Parceria só mudam para casas novas*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 4 de Novembro de 1999- *Heroína a retalho nos bairros sociais*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 16 de Junho de 2000- *Mau uso dos moradores destrói fracas construções*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 1 de Março de 2000- *Meninos aprendem lições para a vida*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 8 de Janeiro de 2000- *Novos e velhos juntos no centro de S. Tomé*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 2 de Abril de 2000- *Rabelo fascina meninos do Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 24 de Janeiro de 2000- *Sé espera pelas mudanças do vizinho Nuno Cardoso*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 29 de Novembro de 2000- *Um ano para realojar Parceria Antunes*. “Jornal de Notícias”.
- LUZ, Carla Sofia, 26 de Maio de 2001- *Droga é dor de cabeça*. “Jornal de Notícias”.
- MADUREIRA, Catarina, 4 de Agosto de 2000- *Residentes da Pasteleira indignados*. “Público”.
- MARMELO, Jorge, 13 de Julho de 1999- *Pasteleira city é nome de livro*. “Público”.
- MESQUITA, António Arnaldo, 15 de Fevereiro de 2000- *Droga feita na Aguda era para o Bairro do Cerco*. “Público”.
- MOURA, António, 8 de Abril de 2000- *A Câmara, D. Pedro IV e o Aleixo*. “Público”.
- MOURA, António, 26 de Junho de 1999- *Trânsito, Guindais e habitação social*. “Público”.
- MOURA, António, 6 de Agosto de 2000- *Viagem ao passado da Habitação Social*. “Público”.
- NORTE, Helena e SILVA, Hugo, 4 de Abril de 2001- *PSP aperta o cerco no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- NUNES, Erika, 31 de Março de 2000- *Bairro ameaçado pelo pilar da ponte*. “Jornal de Notícias”.
- OLIVEIRA, Maria José, 13 de Dezembro de 1999- *Doze detenções em Bairros do Porto*. “Público”.
- OLIVEIRA, Maria José, 11 de Agosto de 1999- *Utentes e Obra Diocesana não se entendem*. “Público”.
- OLIVEIRA, Maria José, 6 de Setembro de 1999- *Visitas contra a droga*. “Público”.
- PAIVA, Maria Leonor e COUTINHO, Paulo, 15 de Maio de 2001- *Escolas de crime*. “Jornal de Notícias”.
- PAIVA, Maria Leonor, 11 de Março de 2001- *Bairro novo da Pasteleira com problemas dos velhos*. “Jornal de Notícias”.
- PAIVA, Maria Leonor, 24 de Agosto de 2000- *Cabeçudos e gigantes nos bairros de Campanhã*. “Jornal de Notícias”.
- PAIVA, Maria Leonor, 19 de Junho de 2000- *Cinema nos Bairros Sociais*. “Jornal de Notícias”.
- PAIVA, Maria Leonor, 3 de Outubro de 2000- *Gabinete de Cardoso na Sé não serviu para nada*. “Jornal de Notícias”.
- PAIVA, Maria Leonor, 1 de Dezembro de 2000- *Projecto de solidariedade apoia crianças do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- PAIVA, Maria Leonor, 19 de Outubro de 2000- *Um bairro das Fontainhas que foi quase uma fossa*. “Jornal de

## Notícias”.

- PAIVA, Maria Leonor, 22 de Outubro de 2000- *Zona da pasteleira perde autocarros*. “Jornal de Notícias”.
- PEREIRA, Ana Cristina e P.C.M., 21 de Julho de 2000- *Mãos limpas detêm rede de tráfico*. PJ do Porto apreende mais de nove mil doses de droga. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 18 de Abril de 2000- *A Odete Santos do Aleixo*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 1 de Novembro de 2000- *A saga dos elevadores do Aleixo*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 26 de Janeiro de 2000- *Bairro D. Leonor ganha espaço*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 25 de Setembro de 2000- *Bairro da Bouça sonha com centro de dia*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 7 de Abril de 2000- *Bairro do Aleixo revoltado*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 7 de Fevereiro de 2001- *Bairro do Leal sem condições mínimas de higiene*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 23 de Agosto de 2000- *Campinas ganha novo complexo social*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 1 de Março de 2000- *Dois bombeiros feridos*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 23 de Outubro de 2000- *Está tudo podre!*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 26 de Março de 2000- *Mais limpeza e policiamento*. “Público”.
- Pereira, Ana Cristina, 6 de Maio de 2001- *Massarelos quer tratamento especial para realojados de Parceria e Antunes*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 26 de Maio de 2001- *Moradores de Bairros sociais do Porto indicam droga como principal problema*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 18 de Maio de 2000- *Ninguém vos quer fazer mal. Nuno Cardoso visitou o Bairro do Aleixo e prometeu que nenhum morador sairá dali*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 22 de Outubro de 2000- *Operação stop na Pasteleira-Sul*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 16 de Maio de 2001- *Rio ouviu queixas no Bairro do Aleixo*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 15 de Novembro de 2000- *Tráfico de droga quase confinado ao Bairro S. João de Deus*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 5 de Fevereiro de 2001- *Troca de seringas arranca no Aleixo*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 28 de Janeiro de 2001- *Trocadas 300 seringas em menos de trinta minutos no Bairro de S. João de Deus. Posto móvel procura responder à migração de toxicodependentes no Porto*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 24 de Fevereiro de 2000- *Uma história de muito afecto*. “Público”.
- PEREIRA, Ana Cristina, 14 de Abril de 2000- *Vereadora da Acção Social reuniu-se com moradores. Cepticismo mora no Aleixo*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 12 de Abril de 1999- *Bairro de Francos para vender*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 27 de Janeiro de 2001- *Bairro de Parceria já está expropriado*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 4 de Dezembro de 1999- *Balanço da Luta anti-pobreza em S. João de Deus*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 28 de Novembro de 2000- *Bateremos o pé até ao fim*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 23 de Março de 1999- *Casas sim, barracas não*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 4 de Outubro de 2000- *Caso Aldoar em fase final de instrução. Depoimento de perito pode ditar arquivamento*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 2 de Maio de 2001- *Demolição anunciada no Bairro D. Leonor*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 11 de Dezembro de 2000- *Moradores impedem desobstrução da via*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 1 de Agosto de 1999- *Moradores revoltados*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 27 de Maio de 1999- *O incêndio de Aldoar não foi só um acidente*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 10 de Abril de 2000- *Obras demoradas na Pasteleira*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 16 de Outubro de 1999- *Problemas na primária do Lagarteiro. Aluno de dez anos internado num colégio de reinserção social da cidade*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 2 de Novembro de 2000- *Radiografia da degradação do Aleixo*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 14 de Dezembro de 2000- *S. João de Deus. Moradores à espera*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 18 de Abril de 2000- *Suspeitos do caso de Aldoar detidos*. “Público”.
- PINTO, Luísa, 16 de Maio de 2000- *Toxicodependentes pedem tratamento compulsivo*. “Público”.
- PINTO, Reis, 19 de Novembro de 1999- *Torres do inferno no Bairro do Aleixo*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis e LARANJO, Tânia, 11 de Fevereiro de 2000- *Bairro do Aleixo debaixo de fogo*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 1 de Março de 2000- *Alunos ferem empregada da escola*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 12 de Fevereiro de 2001- *Bairro acordou ao som de tiros*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 25 de Novembro de 1999- *Bairro de S. Tomé inundado de carros*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 3 de Setembro de 1999- *Junta de Ramalde apoia formação*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 23 de Maio de 1999- *Ocupação selvagem no Bairro de Aldoar*. “Jornal de Notícias”.

- PINTO, Reis, 26 de Setembro de 2000- *Polícia atacou na Sé e deteve nove pessoas*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 15 de Agosto de 1999- *Realojados de Ramalde em casa degradada*. “Jornal de Notícias”.
- PINTO, Reis, 13 de Setembro de 2000- *Testemunhas confirmam desacatos em Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 3 de Abril de 2000- *A Rosa do Aleixo uma heroína esquecida*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 9 de Setembro de 2000- *Câmara vendeu casas que estavam por acabar*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 17 de Novembro de 2000- *Escola insegura fechada pelos pais*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 22 de Outubro de 2000- *Idosos em pânico no Bairro de Francos*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 14 de Fevereiro de 2000- *Jovens da Pasteleira ameaçaram polícias*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 9 de Abril de 2001- *Noite de pancadaria no Machado Vaz*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 9 de Abril de 2000- *Orfãos da violência povoam os bairros*. “Jornal de Notícias”.
- RIOS, Alice, 13 de Novembro de 2000- *Uma escola em luta contra a indiferença*. “Jornal de Notícias”.
- RODRIGUES, Luís Paulo, 26 de Março de 2000- *Bairro do Regado, em Paranhos, um exemplo de degradação*. “Público”.
- RODRIGUES, Luís Paulo, 13 de Maio de 2000- *Nuno Cardoso no Bairro de Entre quintas. Obra não satisfaz moradores*. “Público”.
- ROSÁRIO, Ana Carla, 11 de Junho de 2000- *Jovens Marginais andam armados*. “Jornal de Notícias”.
- S/ A., 25 de Maio de 1999- *Famílias de Aldoar querem casas novas*. “Jornal de Notícias”.
- S/ A., 30 de Maio de 2001- *Internet para jovens do S. João de Deus*. “Público”.
- S/A, 23 de Outubro de 2000- *Câmara não gasta dinheiro disponível para os bairros*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 14 de Outubro de 2000- *Ciganos revoltados com tribunal*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 29 de Agosto de 1999- *Crianças de Campanhã encerraram colónia*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 17 de Junho de 1999- *Desfile no Bairro Lagarteiro por uma vida condigna*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 4 de Abril de 2001- *Despejos geraram revolta no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 8 de Fevereiro de 2001- *Escola E.B. 2,3 do Cerco do Porto reabre hoje*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 22 de Novembro de 1999- *Família sem casa de banho tem de usar a da vizinha*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 3 de Maio de 2000- *Famílias da Parceria Antunes têm de sair até Outubro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 16 de Outubro de 2000- *Fim do pesadelo no Bairro da Bouça*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 19 de Novembro de 2000- *Menor com Heroína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 27 de Maio de 1999- *Polícias agredidos no Lagarteiro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 14 de Janeiro de 2001- *Tábuas e cadeiras para entrar em casa*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 8 de Outubro de 1999- *Traficavam para consumir no bairro de S. Tomé*. “Jornal de Notícias”.
- S/A, 2 de Setembro de 2000- *Vizinhos nem sequer foram à porta*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 20 de Outubro de 2000- *Alvorada de detenções em Aldoar*. “Público”.
- S/A., 21 de Abril de 2001- *Sentada em cima de heroína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 29 de Janeiro de 2000- *Apreensão de droga e dinheiro no Bairro do Cerco do Porto*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 10 de Maio de 2001- *Esfagueado na rua por um assaltante*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 19 de Fevereiro de 2000- *Intervenção policial e confusão no Aleixo*. “Público”.
- S/A., 3 de Setembro de 2000- *Rusga policial ao Bairro S. João de Deus. PSP do Porto detém 12 pessoas*. “Público”.
- S/A., 20 de Julho de 1999- *Apanhados no Tufão*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 8 de Maio de 1999- *Bairro das Musas será recuperado*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 27 de Maio de 1999- *Limpeza no Bairro de S. João de Deus*. “Público”.
- S/A., 26 de Março de 2001- *17 detenções em S. João de Deus*. “Público”.
- S/A., 26 de Outubro de 1999- *A demolição de pouco mais de três dezenas de barracos no Bairro do Lagarteiro*. “Público”.
- S/A., 4 de Março de 2000- *Acto de violência na escola EB2/3 do Cerco do Porto*. “Público”.
- S/A., 2 de Março de 2001- *Adolescente apanhado com droga*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 15 de Abril de 2001- *Agentes da PSP agredidos na Sé*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 7 de Março de 2001- *Agredido e roubado por dois*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 4 de Dezembro de 1999- *Alcoólicos anónimos contam experiência no Cerco do Porto*. “Público”.
- S/A., 28 de Janeiro de 2001- *Apanhado com armas e droga*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 14 de Fevereiro de 2001- *Apanhado com droga em Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 9 de Janeiro de 2000- *Apanhados com heroína e cocaína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 4 de Junho de 2000- *Arma na cabeça e navalha no pescoço*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 17 de Janeiro de 2000- *Assalto falhado agita Bairro de Aldoar*. “Público”.
- S/A., 22 de Abril de 2000- *Associações de Ramalde e Viso gerem espaços desportivos*. “Público”.

- S/A., 20 de Janeiro de 2001- *Ataque à droga no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 7 de Dezembro de 1999- *Avarias constantes no Bairro do Aleixo*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 28 de Fevereiro de 2000- *Bairro da Agra espera por obras há vinte anos*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 30 de Janeiro de 2000- *Bairro da Parceria escreve a Guterres*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 12 de Abril de 2000- *Bairro da Pasteleira sofre com as... obras*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 9 de Setembro de 1999- *Bairro da Pasteleira*. “Público”.
- S/A., 29 de Setembro de 1999- *Bairro de Aldoar parece o Casal Ventoso*. “Público”.
- S/A., 17 de Julho de 1999- *Bairro do Aleixo quer vida condigna*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 25 de Março de 2000- *Bairro do Bom Sucesso vai receber beneficiações*. “Público”.
- S/A., 22 de Janeiro de 2000- *Brigadas da PSP estiveram no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 11 de Maio de 2000- *Cadáver no S. João de Deus*. “Público”.
- S/A., 29 de Julho de 2000- *Calamidade!*. “Público”.
- S/A., 23 de Outubro de 2000- *Câmara não gasta dinheiro disponível para os Bairros*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 31 de Julho de 1999- *Casa em ruínas no Bairro do Francos*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 15 de Fevereiro de 2001- *Cinco detenções em Francos*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 10 de Agosto de 2000- *Cinco detidos no Lagarteiro por tráfico de droga*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 16 de Junho de 2000- *Confrontos entre Polícia e populares no Bairro da Sé*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 15 de Outubro de 1999- *Criança violenta lança pânico na primária do Lagarteiro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 10 de Outubro de 2000- *Degradação do Bairro das Condominhas preocupa CDU*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 24 de Abril de 2001- *Despejos geraram revolta no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 24 de Abril de 2001- *Despejos no Bairro S. João de Deus*. “Público”.
- S/A., 30 de Julho de 1999- *Detido por posse de cocaína no Bairro do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 24 de Outubro de 2000- *Detidos com droga no Cerco e em S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 4 de Outubro de 2000- *Detidos com heroína e cocaína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 5 de Janeiro de 2000- *Drácula no bairro portuense das Campinas*. “Público”.
- S/A., 19 de Maio de 1999- *Droga Operação policial apanhou 400 doses*. “Público”.
- S/A., 10 de Setembro de 1999- *Duas mulheres detidas no Bairro do Lagarteiro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 6 de Maio de 2001- *Engoliu droga ao ver a Polícia no Aleixo*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 16 de Outubro de 1999- *Escola do Lagarteiro fechada pelos pais*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 30 de Dezembro de 2000- *Esfagueado no Bairro do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 14 de Maio de 2000- *Exposição assinala os 25 anos do Bairro do Aleixo*. “Público”.
- S/A., 24 de Fevereiro de 2001- *Fantasia de Carnaval na Baixa e no Lagarteiro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 1 de Janeiro de 2000- *Fim de Ano caça seis traficantes*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 13 de Julho de 2000- *Fogo acordou Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 7 de Maio de 2001- *Homem morre num incêndio em S. João de Deus*. “Público”.
- S/A., 5 de Outubro de 2000- *Insultou e agrediu polícias*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 30 de Agosto de 1999- *Judiciária investiga assassinato*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 14 de Maio de 2000- *Lagarteiro viveu noite complicada*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 7 de Abril de 2001- *Levava a droga no capacete*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 29 de Novembro de 2000- *Menor apanhado a traficar droga*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 19 de Novembro de 2000- *Menor com heroína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 12 de Março de 2000- *Menores apanhados a vender heroína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 10 de Maio de 1999- *Moradora de S. Roque metida num buraco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 2 de Janeiro de 2001- *Moradores contra intervenção policial*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 13 de Janeiro de 2001- *Moradores da Sé escrevem ao ministro da Cultura*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 20 de Maio de 2000- *Moradores do Aleixo contra Nuno Cardoso*. “Público”.
- S/A., 26 de Setembro de 2000- *Mulher morre em rusga na Sé*. “Público”.
- S/A., 29 de Março de Março de 2000- *Notas voaram com o vento no Bairro S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 18 de Maio de 2000- *Nove detenções no Bairro do Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 11 de Setembro de 1999- *Nove detenções por droga no Bairro S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 4 de Novembro de 2000- *Onze detidos numa rusga da PSP em Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 27 de Maio de 1999- *Operação limpeza no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 22 de Abril de 2001- *Ovos contra carro patrulha da Polícia*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 14 de Dezembro de 2000- *Parceria e Antunes. Um ano para realojar moradores*. “Público”.
- S/A., 6 de Junho de 1999- *Participou roubo de droga à polícia*. “Jornal de Notícias”.

- S/A., 12 de Dezembro de 2000- *Peritos inspecionaram Bairro da Tapada*. “Público”.
- S/A., 27 de Fevereiro de 2000- *Pintar o bairro para esconder a miséria*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 9 de Outubro de 1999- *Polícia apreendeu heroína e cocaína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 24 de Novembro de 1999- *Polícia desmantelou rede de droga na Sé*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 10 de Maio de 2001- *Polícia deteve três suspeitos de tráfico de droga*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 14 de Dezembro de 1999- *Polícias activos prendem 25 pessoas*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 31 de Janeiro de 2000- *Polícias apanharam ladrões de carros*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 22 de Março de 2001- *Polícias baleados no Aleixo*. “Público”.
- S/A., 24 de Janeiro de 2000- *Problemas como cerejas no S. Tomé*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 3 de Maio de 1999- *Prostituição e uso de droga em debate no Cerco do Porto*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 5 de Outubro de 2000- *PSP apreendeu heroína e cocaína*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 3 de Setembro de 2000- *PSP atacou em força durante a noite*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 3 de Abril de 2001- *Quatro detenções em S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 7 de Maio de 2001- *Queimado num barraco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 28 de Dezembro de 1999- *Queixaram-se à polícia dos ladrões que levaram a droga*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 3 de Fevereiro de 2000- *Queriam cocaína e foram enganados*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 24 de Março de 2000- *Rambo apanhado com arma à cintura*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 15 de Fevereiro de 2001- *Realojamento de Parceria Antunes*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 20 de Janeiro de 2001- *Roubado no Bairro do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 24 de Dezembro de 1999- *S. João de Deus com Natal diferente*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 20 de Maio de 1999- *Sé: família condenada por tráfico*. “Público”.
- S/A., 10 de Dezembro de 1999- *Simple detenção terminou em tiroteio*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 12 de Março de 2001- *Surpreendidos com droga no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 11 de Fevereiro de 2000- *Tiros e detenções no Bairro do Aleixo*. “Público”.
- S/A., 4 de Janeiro de 2000- *Traficante apanhado em pleno negócio*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 25 de Outubro de 1999- *Traficante apanhado no Lagarteiro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 25 de Setembro de 1999- *Traficante detido no Bairro do Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 30 de Agosto de 1999- *Traficante detido no Lagarteiro*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 28 de Julho de 2000- *Traficantes apanhados no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 20 de Julho de 1999- *Traficantes apanhados no Tufão*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 16 de Novembro de 2000- *Tráfico mantém-se no Aleixo e Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 29 de Outubro de 2000- *Três detidos no S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 30 de Março de 2001- *Trolha traficava heroína em Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 16 de Julho de 2000- *Uma cidade dentro do Bairro Herculano*. “Jornal de Notícias”.
- S/A., 1 de Novembro de 2000- *Vendeu apartamento da Câmara por apenas 350 contos*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 4 de Dezembro de 1999- *Acabou o projecto mas não a pobreza*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 20 de Abril de 2000- *Aldoar não esquece mas está dividido*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 11 de Fevereiro de 2000- *Bairro da Pasteleira atrai Orlando Gaspar*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 30 de Outubro de 1999- *Bairro do Amial reivindica mais atenção*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 21 de Maio de 2001- *Bairro espera obras há 28 anos*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 2 de Dezembro de 1999- *Centenas de pessoas reclamam casa nova*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 28 de Dezembro de 1999- *Continuar a lutar em S. João de Deus*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 27 de Abril de 2000- *Demolições agitam bairro das Campinas*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 4 de Fevereiro de 2001- *Encaixotem-nos na Pasteleira Nova*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 9 de Julho de 2000- *Fogo do século XIX combatido no Cerco*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 27 de Março de 2001- *Incêndia a casa e agride vizinhos*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 8 de Junho de 1999- *Nem todos estão felizes com os realojamentos*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 27 de Setembro de 1999- *Perseguir cobras e ratos à paulada e de caadeira*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 17 de Junho de 1999- *Radiografia aos Bairros sociais da cidade do Porto*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 23 de Janeiro de 2000- *Salada de desportos servida em Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Hugo, 25 de Julho de 2000- *Sigas há muitos mas nenhum é rei*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Nuno, 2 de Abril de 2001- *Agentes da PSP tratados à pedrada*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Nuno, 18 de Dezembro de 2000- *Degradação do Bairro das Campinas preocupa comunistas*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Nuno, 3 de Abril de 2000- *JSD critica o barril de pólvora que Cardoso criou no Aleixo*. “Jornal de Notícias”.

- SILVA, Nuno, 15 de Abril de 2000- *Moradores do Aleixo serão consultados*. “Jornal de Notícias”.
- SILVA, Nuno, 15 de Novembro de 2000- *S. João de Deus controla o tráfico*. “Jornal de Notícias”.
- SIZA, Rita, 10 de Dezembro de 2000- *É o nosso sonho, é uma casa*. “Público”.
- SIZA, Rita, 30 de Setembro de 1999- *Medo e insegurança em Aldoar*. “Público”.
- SIZA, Rita, 4 de Fevereiro de 2001- *Moradores de Parceria e Antunes querem ir para a Pasteleira. Processo de realojamento desagrada aos habitantes*. “Público”.
- SIZA, Rita, 24 de Janeiro de 2000- *Trânsito caótico afecta Bairro de S. Tomé*. “Público”.
- SIZA, Rita, 24 de Maio de 1999- *Tudo na mesma em Aldoar*. “Público”.
- SOARES, Andreia Azevedo, 7 de Agosto de 2000- *Bairro da Bouça vai ser enfim concluído. Siza retomado 25 anos depois*. “Público”.
- SOARES, Andreia Azevedo, 23 de Dezembro de 2000- *Crianças de Aldoar vão ao Rivoli*. “Público”.
- SOARES, Andreia Azevedo, 12 de Dezembro de 2000- *Impasse continua em S. João de Deus*. “Público”.
- SOARES, Andreia Azevedo, 9 de Abril de 2001- *Policiais feridos no Bairro Machado Vaz*. “Público”.
- SOARES, Andreia Azevedo, 15 de Outubro de 2000- *Siza Vieira apresenta conclusão da Bouça*. “Público”.
- VILAS, Jorge, 7 de Agosto de 1999- *Bairros municipais têm os dias contados*. “Jornal de Notícias”.
- VILAS, Jorge, 29 de Março de 2000- *Cardoso foi ver lado negro da Sé*. “Jornal de Notícias”.
- VILAS, Jorge, 12 de Julho de 2000- *Telma deixa Aldoar em estado de sítio*. “Jornal de Notícias”.
- VITORINO, Manuel, 19 de Fevereiro de 2001- *Feira clandestina no Bairro de Aldoar*. “Jornal de Notícias”.
- VITORINO, Manuel, 11 de Julho de 1999- *Meninos do Lagarteiro querem viver sem droga*. “Jornal de Notícias”.
- VITORINO, Manuel, 18 de Maio de 2000- *Moradores do Aleixo recebem promessas*. “Jornal de Notícias”.
- VITORINO, Manuel, 8 de Janeiro de 2001- *Pingos de ilegalidade no super da Pasteleira*. “Jornal de Notícias”.

